

## O PALEOLÍTICO NO VALE DO RIO LIS<sup>1</sup>

Por João Pedro Cunha-Ribeiro\*

A ocupação da bacia hidrográfica do rio Lis pelo homem remonta ao Paleolítico inferior, período durante o qual ele terá aliás chegado pela primeira vez ao actual território português. Os vestígios da sua presença nesta região encontram-se há muito devidamente documentados pela descoberta de inúmeros utensílios líticos, quase sempre elaborados a partir do talhe intencional de seixos rolados de quartzite e de quartzo, com os quais desempenhava boa parte das actividades inerentes à economia de caça e recolocção em que baseava a sua subsistência.

Apesar de actualmente se saber que o homem paleolítico utilizava também habitualmente outros artefactos não menos imprescindíveis, a fraca perenidade das matérias-primas a que recorria para a sua confecção — essencialmente madeira e osso — torna, contudo, muito fortuita a sua detecção. A própria descoberta de vestígios arqueológicos mais complexos, como é o caso de algumas estruturas de *habitat*, ou de carcaças de animais inequivocamente abatidos e descarnados pelo homem de então, embora constituam um importante documento para se conhecer adequadamente a vida quotidiana dessas populações, é igualmente bastante rara, dependendo quase sempre de condições de preservação difíceis de encontrar.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho constitui um resumo actualizado das duas comunicações apresentadas pelo autor no I e II Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região, em Maio de 1988 e em Novembro de 1991.

\* Assistente de Arqueologia e Pré-história da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseiro do I.N.I.C.

Os artefactos líticos adquirem assim um estatuto particularmente relevante, já que frequentemente constituem o único testemunho que até nós chegou desse longínquo período da história da humanidade, como sucede no vale do rio Lis. Para o seu estudo recorre-se a metodologias que pretendem ultrapassar a mera descrição do objecto individualmente considerado, procurando integrá-lo num todo homogéneo susceptível de proporcionar o estabelecimento de comparações com conjuntos similares, definir a respectiva cronologia e assinalar a ocorrência de virtuais modificações significativas no tempo e no espaço entre os vários conjuntos em análise.

### 1 — História das investigações na região

No vale do rio Lis as primeiras descobertas de materiais arqueológicos atribuíveis ao Paleolítico ocorreram há mais de cem anos. Carlos Ribeiro detectou em 1879, cerca de 600 m a SW da Igreja de Milagres, um biface em quartzite, tendo logo no ano seguinte encontrado também um pequeno raspador em sílex nas imediações de Marrazes (VASCONCELOS 1897, FONTES 1917). Como, porém, tais achados só mais tarde vieram a ser noticiadas por outros investigadores, a mais antiga publicação que se conhece onde é assinalada a presença de vestígios paleolíticos nesta região é a obra clássica de Émile Cartailhac *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, na qual aquele pré-historiador francês refere ter identificado um outro biface nos arredores da cidade de Leiria (CARTAILHAC 1886). Alguns anos mais tarde, em 1909, Tavares Proença Júnior detectou no vale do rio Lena, nas proximidades da Quinta da Cortiça, um novo biface de quartzite (PROENÇA JÚNIOR 1910).

As referências a estas descobertas encontram-se amplamente dispersas por uma numerosa bibliografia dos inícios do nosso século, na qual tanto se incluem artigos de especialidade (FONTES 1917 e VASCONCELOS 1922), como algumas das primeiras sínteses que se esboçaram sobre o Paleolítico em Portugal (CORREIA 1912, FONTES 1912, 1923 e 1932). Contudo, como se tratavam de achados isolados, realizados à superfície e destituídos de qualquer contexto geológico preciso, apenas permitiam testemunhar a presença do homem do Paleolítico inferior nas imediações de Leiria, já que três dos artefactos referidos correspondiam inequivocamente a um tipo de utensílio bem característico das indústrias líticas desse período: os bifaces.

Esta situação veio a alterar-se parcialmente com a realização de novos trabalhos na região, desenvolvidos por iniciativa do Prof. Doutor Manuel Heleno nos anos trinta, quarenta e cinquenta.

As prospeções sistemáticas então realizadas levaram à identificação de materiais líticos talhados em 61 locais diferentes, muitos dos quais proporcionaram a recolha de várias dezenas de peças, nalguns casos atribuídas genericamente ao «abevilense, clactonense e acheulense». Infelizmente, a inexistência de «uma estação cuja estratigrafia pudesse ser a chave duma cronologia», levou o referido investigador a não proceder ao estudo destes novos achados. Em sua opinião, «a falta de segurança dos caracteres altimétricos das praias quaternárias, a falta de depósitos com fauna distinta da fauna actual, os perigos do critério das patinas usado por Breuil», que constituíam os fundamentos metodológicos então em voga para a análise deste tipo de vestígios arqueológicos, não ofereciam por si só a credibilidade necessária para permitir o seu estudo adequado (HELENO 1956).

O espólio recolhido no decurso destas prospeções foi integrado nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Entologia, instituição onde o Prof. Manuel Heleno exercia as funções de Director. Até nós apenas chegaram referências à toponímia de algumas das jazidas em trabalhos gerais de inventário, posteriormente publicados por outros autores (MACHADO 1964 e PEREIRA 1977), bem como um estudo essencialmente descritivo de uma pequena série de peças oriundas de 15 locais da zona de Monte Real, apenas identificados pela sua toponímia (ZBYSZEWSKI e PENALVA 1982). Este último trabalho reporta-se aliás a conjuntos numericamente pouco representativos, sendo a classificação das peças fundamentada numa tipologia cujos princípios não são devidamente explicitados, e numa estratigrafia que é claramente omissa. A introdução geológica da região, inserida, no início da publicação é demasiado genérica, não apresenta nenhuma descrição estratigráfica minimamente válida e nem autores referem qualquer tipo de associação entre os materiais estudados e os vários depósitos aí existentes. Ironicamente, o único fundamento que emerge da classificação dos materiais líticos que aí é apresentada resume-se ao «critério das patinas», cuja fiabilidade havia já sido posta em causa por Manuel Heleno.

Um outro achado de superfície de materiais paleolíticos foi entretanto efectuado por Afonso do Paço no lugar de S. Jorge, na periferia da bacia hidrográfica do rio Lena. Infelizmente, a descrição de tais peças talhadas, uma em sílex e duas em quartzite, nunca foi publicada já que desapareceram em circunstâncias algo insólitas (PAÇO 1966).

Posteriormente, os levantamentos de campo que precederam a publicação em 1968 da folha 23-C da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000, permitiram assinalar cinco outros locais com interesse arqueológico para o estudo do Paleolítico da região (TEIXEIRA e ZBYSZEWSKI 1968).

Os achados realizados na Quinta dos Mouratos, a sul da povoação do mesmo nome, e na Quinta da Moura, situada na margem direita do rio Lena a NE de Azóia, correspondiam novamente a materiais de superfície destituídos de qualquer contexto preciso, embora os detectados no último local fossem classificados como «mustieróides» pelos responsáveis da notícia explicativa da referida Carta Geológica. No entanto, já a sul de Telheiro recolheram-se materiais atribuíveis às indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior e integrados no interior de um depósito coluvionar («cascalheira de solifluxão»). Por último, nas duas jazidas arqueológicas mais importantes então assinaladas, o material paleolítico foi encontrado em associação com depósitos geológicos do quaternário, desta vez porém correspondentes a um antigo terraço fluvial intermédio do rio Lis atribuído ao Tirreniano. Curiosamente, ambas haviam já sido anteriormente identificadas pela respectiva microtoponímia nas prospecções inéditas de Heleno. O Areeiro a SW de Riba de Aves foi inicialmente reconhecido pelo nome de Outeiro Pelado (CUNHA-RIBEIRO 1987), enquanto a jazida situada a norte de Cortes, posteriormente conhecida como Quinta do Cónego, fora assinalada pelo nome de Pousias (CUNHA-RIBEIRO 1990-91).

A importância do espólio acheulense recolhido nesta última jazida levou mesmo à publicação de dois estudos, nos quais se procedeu a uma descrição dos respectivos materiais, procurando-se ao mesmo tempo estabelecer a sua classificação.

Num primeiro artigo, estudou-se um conjunto de 25 artefactos recolhidos na superfície do terraço fluvial existente no local (ZBYSZEWSKI e VEIGA FERREIRA 1969). Embora não dispusessem de qualquer referência estratigráfica precisa, já que a presença dos materiais na superfície do terraço não constituía por si só um elemento suficientemente seguro para entre eles se poder estabelecer alguma conexão, os autores do trabalho dividiram a pequena colecção em quatro séries diferentes, de acordo com o rolamento e a pátina evidenciada por cada peça. Numa primeira série (Ia), agruparam apenas dois bifaces que evidenciavam uma pátina eólica e uma certa usura das arestas, considerando-os do «Acheulense antigo e médio». Três outros bifaces e uma lasca que se apresentavam «menos usados e menos patinados» foram integrados na série Ib, atribuída ao «Acheulense médio». A série II foi, por seu turno, relacionada com o «Acheulense superior» e nela se incluíram 18 peças sem rolamento ou com um rolamento pouco pronunciado, ligeiramente lustradas, entre as quais se destacavam 4 bifaces, 9 unifaces e dois «hachereaux». Finalmente a série III foi definida a partir de uma única peça não alterada atribuída ao «Languedocense».

Uma outra colecção de 20 objectos líticos talhados, recolhidos em

circunstâncias similares à da primeira colecção, foi mais tarde objecto de uma nova publicação, recorrendo os seus responsáveis exactamente aos mesmos princípios metodológicos na classificação apresentada: índice de rolamento e incidência das pátinas nos diferentes artefactos; altimetria das formações quaternárias (ZBYSZEWSKI *et alii* 1980). A série mais antiga (série I), agrupando apenas 4 peças talhadas, era porém agora atribuída exclusivamente ao «Acheulense antigo», já que os respectivos materiais evidenciavam um pronunciado rolamento. Esta ilação permitiu aliás aos seus autores correlacionar a referida série com materiais similares detectados no Vale do rio Tejo apresentando, em seguida, uma versão do desenvolvimento do clima na região do vale do rio Lis ao longo do Quaternário com base no estado físico das peças e da cronologia que lhes era atribuída.

Por último, já nos anos oitenta, num conjunto de pequenos artigos publicadas num jornal local, Meneses Teixeira noticiou a descoberta de uma jazida arqueológica nas imediações da vila da Batalha, onde recolheu à superfície materiais líticos talhados que atribuiu às indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior e à chamada «Pebble culture» (TEIXEIRA 1984-1985). Segundo o referido autor, os artefactos acheulenses apresentavam-se no seu todo bastante eolizados e, embora fossem mais numerosos (o total de peças encontrado é omitido), não eram contudo associáveis a nenhum contexto geológico preciso. Os materiais da «Pebble culture», por seu turno, agrupavam um conjunto de peças cuja descrição pormenorizada não é apresentada, mas o facto de se encontrarem isentas de qualquer alteração física significativa levava Meneses Teixeira a admitir a sua conexão com o nível marinho pliocénico em cuja superfície tinham sido detectadas.

Estes novos achados levantavam assim a hipótese de no vale do rio Lis ter ocorrido uma ocupação humana anterior à presença dos caçadores acheulenses, presença essa devidamente atestada pelos muitos vestígios aí detectados ao longo de uma centena de anos. Apesar de alguns autores corroborarem uma tal interpretação, admitindo a possibilidade de no território português ter ocorrido uma ocupação pré-acheulense de que aparentemente esta estação constituiria um dos muitos testemunhos (VEIGA FERREIRA 1984), não foram até hoje apresentados dados suficientemente seguros para se poder aceitar a presença do homem em Portugal desde épocas tão remotas (RAPOSO E CARREIRA 1986 e CUNHA-RIBEIRO 1990).

A jazida arqueológica situada nas proximidades da Batalha, junto do lugar do Casal do Azemel, é aliás um exemplo bem demonstrativo das múltiplas situações equívocas em que uma tal hipótese se baseia. Os materiais pretensamente considerados pré-acheulenses aí recolhidos,

foram detectados à superfície, tendo a respectiva antiguidade sido estabelecida pela sua pretensa associação com o nível pliocénico localmente existente, sem que todavia se tenha identificado qualquer peça passível de confirmar essa conexão. As próprias características técnicas e morfológicas habitualmente evidenciadas por objectos similares, quase sempre constituídos por pequenos seixos rolados, truncados numa das extremidades ou aí apresentado um reduzido número de levantamentos, permitem mesmo questionar a natureza intensionalmente antrópica de tais transformações.

O reduzido número de peças que pessoalmente tivemos o ensejo de recolher no local, quando aí nos deslocámos pela primeira vez na companhia de Meneses Teixeira, em Setembro de 1985, apresentavam apenas um ou dois levantamentos, normalmente localizados em zonas mais expostas à produção de choques decorrentes de fenómenos naturais ou do desenvolvimento de trabalhos agrícolas, o que permite explicar com maior plausibilidade o aspecto extraordinariamente fresco dos levantamentos. Pelo contrário, como mais adiante teremos oportunidade de referir em pormenor, o estudo dos artefactos acheulenses detectados nesta jazida veio a revelar uma importância que inicialmente havia sido pouco valorizada, tanto mais que nos foi possível estabelecer a sua associação com o desenvolvimento de um depósito coluvionar que localmente se sobrepõe ao topo da formação pliocénica aí existente.

Podemos assim concluir que, infelizmente, no seu conjunto, a validade dos pressupostos metodológicos destes trabalhos mais recentes não oferece actualmente, em termos arqueológicos, a credibilidade necessária para que muitas das suas conclusões sejam tidas em conta e possam acrescentar algo de novo aquilo que, já desde o início do século, se sabia sobre a presença do homem paleolítico no vale do rio Lis.

Em primeiro lugar, todos eles se reportam a achados compostos por um reduzido número de peças encontradas à superfície. Construir a partir desta realidade um quadro de referência com o qual se pretende estabelecer comparações com outras regiões e definir cronologias fiáveis, não carece de qualquer tipo de consistência. Só com base em conjuntos numericamente representativos e inequivocamente associados a depósitos geológicos cuja disposição estratigráfica permita inferir a antiguidade relativa entre os vários achados, é possível delinear com rigor as características específicas de cada um dos conjuntos e estabelecer a sua variação ao longo do tempo.

A representatividade dos materiais estudados deve também ser questionada, já que frequentemente as amostragens são distorcidas por uma selecção das peças talhadas com uma confecção mais elaborada no

próprio momento da sua recolha. Os dois artigos publicados sobre a Estação Paleolítica da Quinta do Cónego / Pousias são aliás um caso bem paradigmático desta situação. No conjunto das 45 peças talhadas que aí se descrevem 14 correspondem a bifaces, 11 a unifaces e 7 a «hachereaux», o que confere a cada um destes artefactos percentagens perfeitamente anómalas no quadro da composição normal das indústrias líticas acheulenses. Quando porém confrontamos essas percentagens com as existentes na colecção que aí tivemos oportunidade de detectar entre 1984 e 1986 (CUNHA-RIBEIRO 1987), facilmente se constata que elas decorrem de uma recolha seleccionada das peças não só talhadas de uma forma mais elaborada, mas também daquelas que evidenciavam maiores dimensões, o que obviamente falseia a validade do conjunto.

Por outro lado, o recurso à análise do estado físico das peças não constitui por si só um critério válido para dele se deduzir qualquer diferenciação cronológica entre elas, nem tão pouco, a partir daí se pode delinear uma interpretação paleoclimatológica credível. O maior ou menor desgaste dos objectos talhados tanto pode variar em função da natureza das respectivas matérias-primas, como depende do seu posicionamento relativo no interior do depósito a que originalmente esteve associada. No que se refere à pátina que por vezes altera a superfície de muitas peças, ela resulta quase sempre da confluência de um diversificado número de fenómenos físico-químicos que afectaram de forma não homogénea os depósitos, não sendo portanto possível inferir, à partida, qualquer diferenciação cronológica entre dois utensílios pelo facto de eles evidenciarem pátinas bem distintas. Consequentemente, mesmo quando se procede ao estudo de materiais paleolíticos provenientes de uma jazida de superfície, desprovida de qualquer referência estratigráfica precisa, torna-se imprescindível dispor de uma ampla amostragem para no seu interior se poder definir a ocorrência de grupos de peças diferenciados entre si pelo estado físico que apresentam. Evitando obviamente a adopção de critérios susceptíveis de conduzirem a uma multiplicação incontrolável de tais grupos, deve-se, em seguida, comparar entre si as características técnicas e tipológicas de cada um dos grupos, por forma a testar a acuidade dos critérios subjacentes à sua divisão e fundamentar a possível ocorrência de diferenciações cronológicas entre eles.

Finalmente, devemos também encarar com alguma prudência a realização de comparações entre diferentes regiões geográficas, principalmente quando a partir delas se pretende inferir conclusões certamente tentadoras, mas nem sempre demonstráveis pela realidade aí conhecida. A especificidade de cada região em termos geográficos e geológicos, determinando frequentemente estratégias diferenciadas de ocupação e exploração dos respectivos territórios e uma dinâmica de desenvolvimento

dos vários fenómenos geológicas nem sempre idêntica, aconselha a realização primordial de estudos regionais devidamente fundamentados, antes de se enveredar pelo estabelecimento de comparações conducentes à elaboração de uma síntese mais ambiciosa.

## 2 — Novas investigações

Quando em 1984 iniciámos as nossas investigações sobre o Paleolítico na bacia hidrográfica do vale do rio Lis, pretendíamos assim desenvolver um estudo de âmbito regional que permitisse um adequado conhecimento dos vestígios arqueológicos dessa época, bem como dos fenómenos paleoambientais então registados, cuja incidência certamente não só condicionou a ocupação da região pelo homem, como também terá determinado em muitos casos a preservação desses mesmos vestígios.

A escolha do vale do rio Lis para levar por diante os nossos propósitos teve em conta a sua riqueza arqueológica, bem testemunhada pelos numerosos achados que anteriormente se haviam realizado, e a abundância de depósitos geológicos contemporâneos, assinalada na respectiva carta geológica. Esta situação permitia acalentar a esperança de se poder relacionar os materiais paleolíticos com os referidos depósitos quaternários e, conseqüentemente, estabelecer a partir daí a base de uma cronologia indispensável para o seu estudo.

A prospecção sistemática de toda a região levou-nos à descoberta de novas jazidas paleolíticas e possibilitou igualmente identificar a localização precisa de alguns achados anteriores, com particular realce para os realizados por Manuel Heleno, cujo espólio permanece em grande parte inédito nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. A recolha em muitos desses locais de amostragens bastante representativas e claramente associáveis a um contexto geológico bem preciso, tornou desde logo possível aplicar no estudo desses materiais paleolíticos critérios metodológicos actualizados e delinear um quadro crono-estratigráfico de referência (CUNHA-RIBEIRO 1987). No seguimento destas investigações, efectuaram-se também escavações arqueológicas nas estações paleolíticas de Casal de Santa Maria 1 (1987), Casal do Azemel (1988, 1989, 1990 e 1991) e Quinta do Cónego/Pousias (1989), cujos resultados permitiram confirmar e alargar substancialmente os dados já obtidos.

### 2.1 — *Quadro geológico*

O vale do rio Lis situa-se no Centro de Portugal, nas imediações do litoral, e constitui uma das mais importantes redes de drenagem do maciço calcário estremenho, onde aliás se situa a sua nascente.

Em termos geológicos esta região insere-se na chamada orla cenozoica, que se inscreve parcialmente no bordo ocidental do Maciço Hespérico, o qual ocupa boa parte da zona central e ocidental da Península Ibérica.

Inicialmente o rio corre relativamente apertado nos calcários jurássicos do maciço estremenho, mas, alguns quilómetros a montante de Leiria, alarga progressivamente o seu vale à medida em que o respectivo leito se começa a espriar numa área onde predominam os depósitos detríticos miocénicos e pliocénicos. Nesta última zona, a rede hidrográfica que actualmente conhecemos foi em boa parte delineada pelo seu encaixe progressivo ao longo do Quaternário. Esta situação encontra-se aliás bem testemunhada pelos numerosos depósitos de terraços fluviais que se dispõem escalonadamente ao longo das vertentes dos seus principais vales, os quais correspondem quase sempre a vestígios dos antigos leitos que no decorrer desse processo o rio conheceu.

Paralelamente, as modificações climáticas que marcaram profundamente o Quaternário, determinando por vezes a ocorrência de alterações significativas da cobertura vegetal, desencadearam em certos casos a erosão superficial de depósitos geológicos mais antigos, dando origem ao aparecimento de coluviões quaternárias, que se encontram presentes um pouco por todo o lado no vale do Lis.

A importância arqueológica destes diferentes depósitos quaternários resulta em grande parte da contemporaneidade da sua formação com a presença do homem paleolítico, o que no vale do Lis se encontra bem comprovado pela descoberta de numerosos artefactos paleolíticos integrados no seu interior. O estudo que deles se realizou nestes últimos anos, veio aliás demonstrar-se imprescindível na definição do quadro crono-estratigráfico que permitiu a adequada interpretação das indústrias paleolíticas da região (CUNHA-RIBEIRO 1987, CUNHA-RIBEIRO *et alii* 1989, TEXIER e CUNHA-RIBEIRO 1992)<sup>2</sup>.

A análise dos terraços quaternários permitiu a identificação de seis formações fluviais distintas, designadas, da mais antiga para a mais

---

<sup>2</sup> Estas investigações foram orientadas por Jean Pierre Texier, do Instituto do Quaternário da Universidade de Bordéus I. O seu empenho no desenvolvimento destes trabalhos, bem como a paciência com que nos acompanhou em múltiplas deslocações de campo, revelaram-se imprescindíveis para a obtenção de muitos dos resultados alcançados.

recente, por F1a, F1b, F1c, F2, F3, e F4. As três formações mais antigas apresentam-se sobrepostas, o que permite inferir facilmente a sua antiguidade relativa, e, no seu conjunto, evidenciam em relação às restantes um escalonamento ao longo da vertente da margem ocidental do rio Lis que fundamenta de forma complementar a cronologia que lhes foi atribuída, dado que em tais circunstâncias as formações mais antigas encontram-se sempre a uma altitude superior. Este escalonamento é bem visível na zona da povoação de Gândara dos Olivais, único local onde foi possível identificar estas formações na sua totalidade.

As coluviões quaternárias encontram-se bem representadas por toda a zona da bacia hidrográfica do rio Lis, afectando de forma variável formações detríticas mais antigas atribuídas ao cretácico, miocénico, pliocénico e quaternário. Embora seja possível admitir pontualmente a existência de coluviões mais antigas e nalguns casos se tenha mesmo identificado a presença de depósitos similares mais recentes (CUNHA-RIBEIRO 1992), a maior parte destas formações evidencia porém uma pedogénese que permite associar o seu desenvolvimento a uma fase relativamente recente da morfogénese da região, contemporânea da formação fluvial F4, que corresponde à planície aluvial actual (CUNHA-RIBEIRO 1987, TEXIER e CUNHA-RIBEIRO 1992).

A partir do estudo destes vários depósitos geológicos pode-se ainda delinear algumas das características evidenciadas pelo clima da região ao longo do Quaternário (TEXIER e CUNHA-RIBEIRO 1992).

Os níveis de textura mais grosseira dos terraços fluviais, constituídos por cascalheiras de dimensões variáveis, demonstram a ocorrência de um clima semi-árido, durante o qual a rarefacção da vegetação possibilitou uma erosão acentuada das vertentes, tendo o rio redepositado os detritos assim acumulados no fundo do vale no decurso de curtos episódios torrenciais em que o seu caudal apresentava uma forte competência. Estes períodos entremeavam com fases climáticas mais temperadas, testemunhadas quer pelos depósitos de textura fina que caracterizam o fim das sequências fluviais observáveis nalgumas das formações aí existentes, quer pelo próprio encaixe que o vale conheceu entre a deposição dos vários terraços.

A génese das coluviões, por seu turno, desenvolveu-se igualmente numa fase claramente árida, no decurso da qual a ausência de vegetação não só permitiu o desencadear dos fenómenos que justificaram a sua formação, como também determinou a frequente eolização de alguns dos seus constituintes. De notar que até agora não se assinalou nos terraços fluviais e nas coluviões nenhum indício relacionável com o frio, pelo que não se pode associar a aridez identificada a um arrefecimento significativo do clima da região.

## 2.2 — *Metodologia*

Os vestígios arqueológicos detectados correspondiam na totalidade a objectos líticos normalmente confeccionados a partir do talhe de seixos rolados de quartzito, apesar de pontualmente se registar também a utilização de outras matérias-primas, entre as quais se destaca o quartzo e o sílex.

A recolha exaustiva de todas as peças talhadas, embora garantisse a representatividade quantitativa das diferentes amostragens, não assegurava porém a sua homogeneidade cronológica e cultural, mesmo quando era possível estabelecer uma inequívoca associação dos materiais líticos com depósitos geológicos devidamente estratigrafados. O facto de dois ou mais objectos talhados terem sido encontrados numa camada estratigráfica de um terraço fluvial, por exemplo, não permite deduzir a sua contemporaneidade, já que eles podem ter sido para aí arrastados de locais diferentes pela própria dinâmica de formação do respectivo depósito geológico. Mas se algumas peças apresentarem um rolamento mais pronunciado do que outras, tal circunstância também não pode por si só levar-nos a inferir a sua maior antiguidade em relação às restantes, dado que os fenómenos responsáveis por essas alterações físicas têm uma incidência variável no interior de um mesmo depósito e, como já vimos, a própria natureza das matérias-primas condiciona frequentemente o seu desenvolvimento.

Para resolver estas dificuldades procurou-se dividir as peças que integravam cada amostragem de acordo com o seu estado físico, evitando contudo multiplicar os critérios de seriação subjacentes, no intuito de evitar a subjectividade da sua aplicação. Os três principais grupos considerados englobavam, respectivamente, as peças com um desgaste muito pronunciado que impedia mesmo a definição das arestas resultantes do seu talhe, os objectos claramente desgastados mas com arestas bem delimitadas e os materiais com arestas vivas que não evidenciavam qualquer tipo de alteração física. Um quarto grupo foi ainda considerado para agrupar as peças com uma eolização mais ou menos pronunciada, característica essa particularmente relevante na análise dos materiais associáveis a depósitos de textura fina, com uma génese e desenvolvimento que muitas vezes determinou a exposição mais ou menos prolongada dos materiais à superfície.

Mesmo assim, a adopção deste método defronta-se quase sempre com a presença de algumas peças cuja integração num ou noutro grupo se revela algo problemática, o que só é possível ultrapassar quando as amostragens integram um número significativo de objectos talhados, dado que tal circunstância torna estatisticamente irrelevante as opções

subjectivas que se possam tomar. Aliás, só com amostragens desse tipo é possível em seguida proceder a um estudo técnico e tipológico comparativo entre os vários grupos definidos, único procedimento válido para se poder determinar a sua potencial diferenciação cronológica ou não, devendo-se neste último caso proceder ao seu estudo conjunto.

A classificação arqueológica destes materiais, na sua quase totalidade atribuíveis às indústrias acheulenses do Paleolítico inferior, foi estabelecida em critérios bem claros e precisos, por forma a tornar exequível a realização de posteriores comparações entre os diferentes conjuntos estudados (CUNHA-RIBEIRO 1987).

As peças resultantes directamente do desenvolvimento de operações de talhe, as lascas e os núcleos, foram classificadas de acordo com as suas características técnicas, no intuito de se poder vir a delinear as estratégias de exploração subjacentes. No estudo das lascas adoptámos um método aplicado por A. Tavoso na classificação de materiais congéneres do Sul de França igualmente obtidos pelo talhe de seixos rolados, o qual permite vislumbrar se elas foram obtidas a partir de núcleos (seixos) muito explorados ou não (TAVOSO 1978). Os núcleos foram agrupados de acordo com as estratégias de extracção de lascas que evidenciavam, para o que se recorreu ao sistema classificativo desenvolvido por Santonja e Querol na vizinha Espanha (QUEROL e SANTONJA 1978, SANTONJA 1984-1985). Paralelamente, procurou-se ainda identificar na produção das lascas o recurso à utilização de técnicas de talhe específicas, como é o caso da técnica Levallois, e no caso dos núcleos anotou-se também a intensidade da sua exploração.

Para o estudo dos vários tipos de artefactos correntes nas indústrias acheulenses — bifaces, unifaces, «hachereaux», triedros, seixos talhados e utensílios sobre lasca — adoptamos métodos classificativos cuja credibilidade e utilização sistemática poderiam tornar possível a futura realização de análises comparativas, tentando, sempre que necessário, ajustar os respectivos parâmetros à realidade específica das indústrias paleolíticas do vale do rio Lis.

Na classificação dos bifaces e utensílios sobre lascas recorreremos genericamente à tipologia clássica de F. Bordes para o Paleolítico Inferior e Médio que, apesar de ter sido originalmente desenvolvida a partir das indústrias paleolíticas do NW de França, tem revelado uma apreciável eficácia no estudo dos materiais análogos provenientes doutras regiões do Velho Mundo (BORDES 1961). Para os unifaces utilizámos também os mesmos parâmetros classificativos dos bifaces, já que se trata de utensílios bastante similares e dos quais apenas se distinguem por apresentarem o trabalho de talhe circunscrito a uma das faces. Os «hachereaux», por seu

turno, foram estudados com base na tipologia de J. Tixier, cujos pressupostos técnicos e morfológicos permitem uma caracterização extremamente eficaz deste tipo de utensílios (TIXIER 1956 e BALOUT *et alii* 1967). Por último, para a análise dos triedros e seixos talhados adoptámos as classificações actualmente mais correntes em Espanha, onde, ao contrário do que sucede no vale do rio Lis, as indústrias paleolíticas apresentam amiúde uma elevada percentagem deste tipo de artefactos (QUEROL e SANTONJA 1978).

### 2.3 — *Quinta do Cónego/Pousias*

A Estação Paleolítica da Quinta do Cónego/Pousias situa-se numa pequena elevação da margem direita do rio Lis, sobranceira à pequena planície aluvial que se desenvolve a jusante da povoação de Cortes.

No topo da elevação, existe um pequeno terraço quaternário que corresponde à base de uma formação fluvial claramente encaixada no substrato argiloso do Portlandiano, cuja parte superior, seccionada pela erosão, foi posteriormente ocupada por um depósito coluvionar que actualmente se apresenta bastante afectado pelos trabalhos agrícolas que aí se desenvolveram. A altitude da base do terraço, bem como a sua textura e pedogénese, permitiram correlacioná-lo com a base da formação fluvial Flb identificada a jusante de Leiria, numa zona onde estes depósitos se encontram particularmente bem representados ao longo da margem direita do rio.

As investigações aí realizadas nos últimos oito anos permitiram já o estudo de uma colecção de 747 peças talhadas, 182 das quais recolhidas no decurso de uma escavação efectuada em 1989 (CUNHA-RIBEIRO 1987 e CUNHA-RIBEIRO 1990-91).

A análise destes materiais em função do seu estado físico tornou possível a definição de três grupos bem distintos: no primeiro grupo (D1), integraram-se as peças com um pronunciado boleamento, o que muitas vezes impedia mesmo que se determinasse com precisão o posicionamento das respectivas arestas; um segundo grupo englobou os objectos líticos apenas ligeiramente boleados (D2); num último grupo (D3), inseriram-se os materiais não alterados que evidenciavam arestas bem vivas.

O estudo comparativo das características técnicas e tipológicas apresentadas pelos materiais destes vários grupos não permitiu vislumbrar qualquer diferenciação significativa entre D2 e D3 (CUNHA-RIBEIRO 1987), os quais porém, no seu conjunto, se individualizavam de forma nítida das peças agrupadas em D1 (CUNHA-RIBEIRO 1990-91). Como

a maior parte dos objectos líticos agrupados em D1 correspondia à totalidade dos materiais encontrados na cascalheira do terraço, foi-nos assim possível admitir que os vestígios arqueológicos detectados nesta jazida correspondiam à presença na região, em dois momentos distintos, do homem do Paleolítico inferior.

A ocupação mais antiga encontra-se representada pela indústria lítica onde se integram os materiais cujo estado físico evidencia uma acentuada alteração, os quais podem ser inequivocamente associados à base do terraço que localmente aí se encontra parcialmente preservado. Estas condições de jazida levam-nos a admitir que o homem paleolítico responsável pela confecção dessa indústria não se terá então estabelecido muito longe da actual jazida, tendo provavelmente escolhido um local próximo do leito que o rio ocupava durante períodos de estiagem relativamente pronunciados, onde certamente abundariam os seixos rolados de quartzito, matéria-prima de que necessitava para elaborar boa parte dos seus artefactos de uso corrente. Quando o leito do rio, no decurso de um curto episódio torrencial, invadiu de forma mais ou menos abrupta as suas margens, inundando o local onde o homem ainda se encontraria ou não instalado, os materiais aí abandonados foram arrastados por um forte caudal que determinou o intenso boleamento dos objectos líticos. A posterior deposição das peças não se fez porém muito longe, o que impediu a sua dispersão, já que na escavação que realizámos se pode constatar uma elevada concentração de materiais líticos talhados no interior da cascalheira de base do terraço.

A presença de um número significativo de bifaces e de «hachereaux» permite uma clara associação destes vestígios mais remotos às indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior. Correspondendo a 8,8% dos objectos estudados, os bifaces apresentam quase sempre formas espessas, muitas das vezes definidas por um retoque parcialmente bifacial. Os «hachereaux», por seu turno, constituem 6,1% do total dos materiais líticos e encontram-se apenas representados pelos tipos tecnicamente mais simples («O» e I), enquanto os utensílios sobre lasca não englobam mais de 4,4% das peças. Em termos técnicos, esta indústria revelou um claro predomínio de lascas obtidas a partir de uma exploração pouco intensiva dos núcleos (lascas de primeira geração).

Quando posteriormente o homem paleolítico seleccionou o local onde actualmente se situa a jazida para aí se instalar, fê-lo numa altura em que o rio corria já então bastante mais encaixado e a topografia envolvente se aproximaria da actual. Optou assim por uma elevação estrategicamente sobranceira ao vale, donde poderia visualizar toda a região envolvente. Os vestígios arqueológicos então aí abandonados foram parcialmente conservados em associação com o depósito coluvionar que se desenvolveu

sobre o terraço fluvial, tendo porém o recente revolvimento e desmantelamento da colúvia por trabalhos agrícolas determinado a sua dispersão à superfície.

Tais vestígios correspondem aos materiais líticos agrupados em D2 e D3 e, apesar de no seu conjunto evidenciarem uma série de características que permitiram estabelecer a sua individualização do grupo D1, integram-se igualmente nas indústrias líticas acheulenses. Os bifaces agrupam 12,1% do conjunto de objectos líticos estudados e denotam, em relação à indústria anterior, uma maior diversidade tipológica, mantendo contudo um predomínio dos tipos espessos e parciais. Proporcionalmente menos representados (5,5%), os «hachereaux» continuam a integrar-se na sua maioria nos tipos «O» e I, mas incluem já alguns tipos tecnicamente mais evoluídos (II e V). Por seu lado, os utensílios sobre lasca são agora relativamente mais numerosos (9,5%) e diversificados. Do ponto de vista técnico, a análise das lascas demonstra uma clara complexificação do talhe, não só com a preponderância de lascas extraídas numa fase mais avançada da exploração dos núcleos (lascas de segunda geração), mas também pela presença de algumas lascas obtidas pela utilização da técnica de talhe Levallois. Estas últimas, embora em reduzido número, permitem testemunhar pelo menos o domínio de uma técnica de talhe que tornava já possível pré-determinar a forma das lascas a extrair.

#### 2.4 — *Areeiros a jusante de Leiria*

Como já se referiu, a jusante de Leiria o vale do Lis alarga-se substancialmente e o rio passa a encaixar o seu leito numa ampla planície aluvial. Entre esta cidade e a povoação de Riba de Aves, na margem direita, surgem uma série de plataformas escalonadas que testemunham localmente a disposição das várias formações fluviais até hoje identificadas na região. A plataforma topograficamente mais elevada, onde se pode reconhecer a sobreposição das três formações fluviais mais antigas (F1a, F1b e F1c), foi intensamente aproveitada para a extracção industrial de areias no decurso dos anos setenta e oitenta, o que veio permitir a realização de prospecções arqueológicas sistemáticas nos vários areeiros entretanto aí abertos.

Os 362 objectos líticos talhados que aí se recolheram foram detectados em oito locais diferentes (Areeiro da Quinta da Carvalha, Aérodromo Este, Casais 1, Casais 2, Areeiro da Fonte da Matoeira, Areeiro de Matoeira SW, Riba de Aves Sul e Outeiro Pelado), muitos dos quais relativamente afastados entre si (CUNHA-RIBEIRO 1987).

No entanto, embora tais peças tivessem sido encontradas dispersas pelas superfícies esventradas dos vários areiros e evidenciassem um estado físico diversificado, foi, contudo, possível estabelecer as permissas necessárias para admitir a sua clara associação a um contexto geológico comum. No Areiro da Quinta da Carvalha e no Areiro da Fonte de Matoesira foram detectados no interior da cascalheira de base da formação fluvial F1b, vários objectos líticos talhados, nalguns casos muito boleados e noutros sem qualquer alteração física significativa. Como a formação fluvial F1a apenas foi identificada por um testemunho residual no Areiro da Quinta da Carvalha (TEXIER e CUNHA-RIBEIRO 1992), que aliás se revelou arqueologicamente estéril, o mesmo sucedendo com a formação fluvial F1c, unicamente assinalada no Areiro da J.A.E., a associação dos materiais líticos à cascalheira da base de F1b era por demais inequívoca. Por outro lado, a comparação técnica e tipológica entre os vários grupos de peças em que era possível dividir a amostragem recolhida, em função do diferenciado estado físico que apresentavam, não permitia vislumbrar qualquer distinção significativa entre eles, pelo que se tornava também lícito proceder ao seu estudo em conjunto.

As condições de jazida destes materiais evidenciam assim uma nítida similitude em relação à situação que se observou na análise da mais antiga indústria acheulense da Estação Paleolítica da Quinta do Cónego/Pousias. É aliás possível admitir mesmo que a sua presença também aqui testemunhe a ocorrência de uma estratégia de povoamento algo idêntica, que terá ditado a instalação, ocasional ou não, do homem paleolítico nas imediações do curso de água. Neste caso, porém, os mecanismos responsáveis pela posterior deslocação dos vestígios arqueológicos determinaram a sua ampla dispersão, não sendo possível conhecer o número de ocupações a que correspondem, embora se possa considerar a sua contemporaneidade relativa dada a homogeneidade da amostragem estudada.

As características técnicas e tipológicas apresentadas pelo conjunto dos materiais líticos recolhidos permitem igualmente constatar a sua semelhança com a indústria lítica mais antiga da Quinta do Cónego/Pousias. Para além de a matéria-prima dominante continuar a ser o quartzite, o predomínio das lascas de primeira geração, obtidas a partir do talhe de seixos rolados, evidencia de novo uma clara simplificação técnica desta indústria, o que é confirmado também pela total ausência de indícios de utilização da técnica de talhe Levallois e pela presença de um significativo número de núcleos pouco explorados. Os bifaces correspondem a 14,4% da amostragem estudada e comportam no essencial tipos espessos e parciais, enquanto os «hachereaux», claramente menos representados (1,4%), incluem exclusivamente os tipos mais simples («O» e I). O número de utensílios sobre lasca é reduzido e abarca

artefactos bastante atípicos, sendo ainda de assinalar a presença de alguns seixos talhados e triedros.

## 2.5 — *Casal de Santa Maria 1*

A presença de materiais paleolíticos nas imediações do Casal de Santa Maria foi inicialmente assinalada pelas prospecções do Prof. Doutor Manuel Heleno (MACHADO 1964). Quando em 1985 tentámos localizar a proveniência de tais achados, tivemos porém a oportunidade de identificar 400 m a NNW do Casal de Santa Maria uma nova jazida, onde recolhemos à superfície uma pequena colecção de 118 peças talhadas. Como posteriormente se vieram também a descobrir junto do casal alguns objectos líticos que em tudo se assemelhavam aos materiais inicialmente detectados por Heleno, actualmente depositados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, denominámos este local como Casal de Santa Maria 2, distinguindo-o assim da chamada Estação Paleolítica do Casal de Santa Maria 1 que havíamos descoberto.

Embora as peças encontradas nesta última estação constituíssem uma amostragem relativamente fraca em termos quantitativos, o facto de quase todas elas se apresentarem fortemente eolizadas (87,3%) e terem sido recolhidas numa área bastante restrita, conferia-lhes no seu conjunto uma assinalável homogeneidade (CUNHA-RIBEIRO 1987). Por outro lado, a sua descoberta efectuou-se num local recentemente desarborizado, o que tinha determinado a erosão e revolvimento do topo do nível pliocénico que aí aflora. Ora, a observação dos cortes abertos ao longo do caminho público adjacente à jazida, levou a constatar a existência de um depósito coluvionar, que afectara superficialmente o substrato pliocénico ao longo da suave vertente em que se situa a estação arqueológica, com o qual era admissível relacionar a presença dos vestígios arqueológicos encontrados.

A realização no local de uma campanha de escavações, apesar de não ter proporcionado um significativo aumento quantitativo e qualitativo da colecção inicialmente recolhida, permitiu no entanto evidenciar a sua clara associação com uma coluvião bem definida, cujas características pedológicas levavam a considerar a respectiva formação contemporânea da última fase de morfogénese registada na região.

Os vestígios arqueológicos desta estação pareciam assim testemunhar a existência de uma ocupação humana em circunstâncias bastante similares às que se haviam registado no nível de ocupação mais recente da Quinta do Cónego / Pousias. Não só as condições de jazida se assemelhavam, como também neste caso o homem seleccionou para se ins-

talar um local sobranceiro ao vale, donde podia controlar estrategicamente uma vasta região que se estendia a jusante da confluência do rio Lena com o Lis. O próprio estudo das características técnicas e tipológicas das peças aí encontradas, apesar de o valor da amostragem não ser muito expressivo, permite sustentar essa aproximação.

Do ponto de vista técnico, embora o pequeno número de lascas analisado<sup>3</sup> evidencie uma distribuição equitativa entre as lascas de primeira e segunda geração, a presença de alguns núcleos Levallois demonstra já uma complexidade apreciável. Os bifaces, por seu lado, estão representados apenas por oito peças (6,7%), sendo contudo possível assinalar a sua relativa diversidade tipológica e o equilíbrio geral das respectivas formas. O grupo de artefactos mais significativo é porém o dos «hachereaux», que constituem 15,1% dos materiais recolhidos. Na sua maior parte integram-se nos tipos tecnicamente mais simples («O» e I), os quais incluem porém peças com uma morfologia bastante afeiçoada e equilibrada, sendo também de assinalar a existência de alguns utensílios tecnicamente mais evoluídos (tipos II e II/V).

## 2.6—*Casal do Azemel*

A Estação Paleolítica do Casal do Azemel está situada perto do bordo de um extenso planalto arenoso que se desenvolve a NW da Vila da Batalha, sobranceiro ao vale do rio Lena.

Geologicamente o planalto corresponde a um antigo nível marinho pliocénico, que actualmente aí se desenvolve entre os 164 e os 100 m de altitude absoluta, delimitado a norte e a sul pelo suave encaixe das redes de drenagem associadas a dois afluentes da margem esquerda do rio Lena, cujo vale, por seu turno, interrompe de forma relativamente abrupta o planalto a oriente. No local onde se situa a estação o pliocénico apresenta uma fácies claramente arenosa, à qual se sobrepõe um depósito coluvionar de espessura variável que, frequentemente, integra elementos com uma textura um pouco mais grosseira<sup>3</sup>.

A recolha de uma pequena colecção de artefactos na superfície desta jazida levou à realização de um primeira intervenção arqueológica em 1988, tendo-se desde logo não só estabelecido a aparente associação dos materiais líticos talhados ao referido depósito coluvionar, como também detectado no interior do coluvião uma área onde se registava uma forte

---

<sup>3</sup> Nas imediações da jazida foi possível observar nalguns cortes do nível pliocénico arenoso a intercalação de pequenos leitos formados por seixos rolados de reduzidas dimensões.

concentração de vestígios arqueológicos (CUNHA-RIBEIRO e TEIXEIRA 1992). A continuação destes trabalhos veio contudo precisar melhor as condições que determinaram a integração das peças no interior do coluvião, permitindo, ao mesmo tempo, reunir uma colecção de mais de três mil objectos talhados, que, pela sua composição tipológica, constitui sem dúvida a mais representativa amostragem que se conhece em Portugal das indústrias acheulenses.

A concentração dos vestígios arqueológicos no interior da coluvião não permite associar a ocupação humana do local ao período em que terá ocorrido a formação do referido depósito. Com efeito, ao contrário da generalidade dos materiais constituintes da coluvião, a esmagadora maioria das peças talhadas que aí se recolheram apresentavam-se fortemente eolizadas. Por outro lado, a própria análise pedológica da coluvião sugeria que a sua génese era claramente posterior ao abandono dos objectos líticos acheulenses, o que aliás se veio a confirmar com a obtenção de duas datações por termoluminescência, cujos resultados integram de forma inequívoca a formação do depósito no Holocénico (CUNHA-RIBEIRO 1992).

O prolongamento dos trabalhos para a zona NW da jazida conduziu porém à identificação de uma pequena cascalheira residual na base da coluvião, no interior da qual não se detectou a presença de nenhuma peça talhada. Esta situação levou-nos a considerar que a presença do homem paleolítico no local terá decorrido entre a deposição da referida cascalheira e a formação do coluvião holocénico, numa época provavelmente contemporânea da própria fase de deflação que determinou a eolização dos materiais arqueológicos, como se infere da presença de alguns objectos líticos evidenciando uma dupla pátina<sup>4</sup>.

Embora ainda não se tenha procedido ao estudo exaustivo da totalidade dos materiais líticos já recolhidos, a análise técnica e tipológica de uma colecção de 974 peças, provenientes da campanha de escavações aí realizada em 1990, constitui uma amostragem suficientemente significativa para se poder delinear algumas das suas principais características (CUNHA-RIBEIRO 1992).

À semelhança do que se passa com os materiais provenientes doutras jazidas da região, um dos aspectos que de imediato ressalta na observação

---

<sup>4</sup> Na maior parte dos casos trata-se de peças líticas talhadas que, após a sua utilização inicial, foram abandonadas em circunstâncias que determinaram uma profunda eolização do objecto, tendo a sua posterior reutilização pelo homem paleolítico obrigado a reavivar por talhe algumas das características mais relevantes do artefacto, o que se traduziu na obtenção de novas extracções que por vezes permaneceram sem alteração até à actualidade.

deste espólio reside na utilização sistemática do quartzito como matéria-prima. É mínimo o número de peças obtidas a partir do talhe do sílex (2,5%) e do quartzo (2,4%), que são aliás as duas únicas matérias-primas igualmente presentes. Por outro lado, desde logo se regista também que a maioria dos objectos líticos apresenta uma eolização que afecta de forma acentuada a totalidade da sua superfície (94,6%), enquanto os restantes evidenciam uma incidência parcial da pátina eólica ou surgem, em menor número, sem qualquer alteração significativa. Nalguns casos foi ainda possível observar a existência de algumas peças com dupla pátina, o que testemunha a sua reutilização e deixa inferir a possibilidade de a ocupação do local não ter sido pelo menos contínua.

Os bifaces são de novo o grupo de artefactos com uma representação mais expressiva, correspondendo a 13,1% do total das peças estudadas. Na sua maioria correspondem a tipos espessos, muitas vezes definidos por talhe apenas parcialmente bifacial, embora evidenciem no conjunto formas evoluídas e bastante bem equilibradas, o que podia em boa parte ser imputado ao judicioso aproveitamento da morfologia original dos respectivos suportes, os quais correspondem em 69,5% dos casos analisados a lascas. Proporcionalmente bastante menos representados (3,6%), os «hachereaux», apesar de continuarem a integrar maioritariamente os tipos «O» e I, tecnicamente pouco complexos, incluem já um assinalável número de tipos mais evoluídos, com particular destaque para os tipos II e V. Dos restantes artefactos presentes, os triedros e os seixos talhados comportam um reduzido número de exemplares, revelando-se a sua análise pouco expressiva para a caracterização desta indústria. Os utensílios sobre lasca correspondem apenas a 2,1% dos objectos analisados.

Do ponto de vista técnico o predomínio das lascas de segunda geração é acompanhado por núcleos de pequenas e médias dimensões intensamente explorados. Estas características, associadas ao conhecimento da técnica de talhe Levallois, evidenciam no seu conjunto uma nítida complexificação técnica.

Embora integrados num contexto claramente secundário, estes materiais surgem particularmente concentrados numa zona de inclinação muito suave, situada nas proximidades do topo da área envolvente, pelo que se pode inferir que a sua localização actual não se afastará muito do ponto onde inicialmente foram abandonados pelo homem paleolítico. A topografia aplanada da zona sugere assim que a ocupação do local pelos caçadores acheulenses ocorreu numa altura em que a rarefação da vegetação permitiria um fácil controle do planalto adjacente, determinando a sua proximidade dos vales do rio Lena e da ribeira da Calvaria um acesso rápido a pontos onde abundaria a água, a caça e muito provavelmente boa parte da matéria-prima de que necessitava para confeccionar alguns

dos seus artefactos. A presença de algumas peças com dupla pátina deixa contudo entrever a hipótese de a ocupação do local ter sido intermitente ou ter decorrido em momentos cronologicamente diferenciados, muito embora esta última suposição seja pouco plausível, tendo em conta a topografia pouco destacada do local em relação à zona aplanada em que se insere.

### 3 — Colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

O estudo das colecções paleolíticas de Leiria, depositadas pelo Prof. Doutor Manuel Heleno no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa (M.N.A.E.), permitiu também recolher algumas informações complementares para o conhecimento das primeiras ocupações humanas da região, testemunhando de forma particular a sua riqueza arqueológica<sup>5</sup>.

A inexistência de qualquer publicação de pormenor sobre estas descobertas, bem como a ausência de um ficheiro adequado das colecções, determinou a realização de um inventário preliminar dos materiais<sup>6</sup>. O facto de a maioria das peças ainda conservarem inscrito o nome do local onde foram recolhidas ou o código que a cada um dos lugares então se atribuiu, surgindo frequentemente as duas indicações associadas, levou-nos contudo a uma seriação eficaz dos materiais e tornou mesmo possível ultrapassar algumas confusões decorrentes das vicissitudes que os materiais sofreram nas várias transformações do M.N.A.E..

Pudemos assim relacionar a proveniência dos vários achados com 61 locais diferentes da bacia hidrográfica do rio Lis, 40 dos quais associados à região de Leiria e os restantes 21 a Monte Real<sup>7</sup>. A esta distribuição não corresponde porém qualquer fundamento de ordem admi-

---

<sup>5</sup> Ao actual director do Museu, Dr. Francisco Alves, e ao Dr. Luís Raposo agradecemos todas as facilidades concedidas no estudo das colecções aí depositadas. O nosso reconhecimento estende-se também obviamente a todos os funcionários do Museu que nos auxiliaram de uma forma ou de outra nessas investigações.

<sup>6</sup> Os inventários publicados limitam-se a apresentar uma lista de colecções cujo conteúdo não é sequer especificado, revelando frequentemente lacunas significativas e algumas confusões, certamente decorrentes da mistura de diferentes colecções (SAAVEDRA 1964, PEREIRA 1974-77). Por outro lado, a ausência de um registo adequado da entrada de colecções condicionava a amplitude das informações contidas nos próprios ficheiros do Museu, os quais evidenciavam por vezes confusões análogas às registadas nos inventários.

<sup>7</sup> Duas colecções associadas à região de Leiria — MNAE 0804 e 0951 — foram eliminadas deste estudo, já que a localização dos respectivos topónimos — Guia e Lourçal — permitiram constatar a sua integração em zonas claramente exteriores à bacia hidrográfica do rio Lis.

nistrativa. Ela baseia-se apenas na proximidade relativa dos vários locais em relação aos dois aglomerados populacionais referidos, tendo provavelmente sido ditada por razões de ordem meramente pessoal, já que o Prof. Heleno era natural de Monte Real.

Embora cerca de 40% das colecções assim individualizadas correspondam a achados isolados, constituídos por um número não superior a 5 peças talhadas, 26% incluem algumas dezenas de objectos líticos cuja representatividade quantitativa é reforçada, em termos qualitativos, pelo facto de a sua composição tipológica não evidenciar na maior parte dos casos qualquer tipo de recolha selectiva. A par de artefactos com uma morfologia claramente determinada pelo talhe, por vezes cuidadosamente elaborados, surgem igualmente inúmeras peças nas quais os traços da intervenção do homem pré-histórico não são tão óbvios e que, num ou noutro caso esporádico, se revelam mesmo duvidosas.

A ausência de um registo susceptível de permitir localizar a proveniência dos vários achados e, conseqüentemente, determinar as suas reais condições de jazida, constituía no entanto um importante óbice para o apropriado estudo destes materiais arqueológicos. Para ultrapassar esta dificuldade começámos por tentar identificar na toponímia da região a ocorrência de locais com designações idênticas às existentes em muitas das peças, o que se veio mostrar exequível na determinação da provável localização de 26 das colecções previamente individualizadas. As designações das restantes colecções reportavam-se a uma micro-toponímia difícil de situar e, nalguns casos, já mesmo em desuso. No entanto, fomos ainda possível estabelecer a proveniência de outras 7 colecções, quer a partir de informações obtidas junto de habitantes da região<sup>8</sup>, quer pelas indicações complementares registadas originalmente nalgumas das suas peças<sup>9</sup>.

A posterior realização de prospecções intensivas nas várias áreas identificadas conduziu à recolha de novos objectos líticos talhados em alguns dos locais mais representativos, tendo-se mesmo detectado em seis deles algumas peças que permitiram precisar o contexto arqueológico e geológico das próprias colecções anteriormente aí recolhidas. Paralelamente, visitámos ainda a região na companhia do Sr. João Pedro Santos, antigo colaborador do Prof. Doutor Manuel Heleno a quem se deve muito do labor das prospecções realizadas nos anos trinta, quarenta e cinquenta na zona de Leiria, o que tornou possível confirmar e precisar

---

<sup>8</sup> Foi o que sucedeu, em circunstâncias diversas, com as colecções provenientes de Outeiro Pelado, Pousadas e Pousias.

<sup>9</sup> Incluíram-se nesta situação as colecções oriundas de Areia Branca, Barroca, Oiteiros e Souto.

muitos dos dados entretanto obtidos, bem como identificar a proveniência de duas outras colecções.

Entre as 26 colecções cujo local de origem não pudemos determinar, destaca-se a colecção proveniente de Salgueiros, composta por 172 peças talhadas que evidenciam no seu conjunto um estado físico bastante homogéneo e uma composição técnica e tipológica que lhes confere uma assinalável representatividade no quadro das indústrias acheulenses do vale do rio Lis. Das restantes colecções, 14 integram artefactos cujas características sugerem a sua associação às indústrias acheulenses (bifaces e «hachereaux»), embora muitas delas correspondam a achados quantitativamente pouco representativos. Igualmente constituídas na sua quase totalidade por achados numericamente reduzidos, as outras 12 colecções de origem desconhecida compreendem contudo materiais líticos que não possibilitam sequer definir com segurança a sua relação com as indústrias acheulenses da região.

As 19 colecções cuja proveniência foi estabelecida apenas com base na identificação do respectivo topónimo, agrupam também amostragens numericamente pobres, apesar de na sua maioria incluírem utensílios acheulenses. No entanto, mesmo quando tivemos oportunidade de aí recolher novas peças talhadas à superfície, a sua distribuição não permitiu definir qualquer tipo de concentração significativa nem tão pouco as condições de jazida dos materiais. Esta situação veio aliás confirmar algumas indicações registadas em objectos líticos dessas colecções que se referiam à sua recolha em locais relativamente diferenciados uns dos outros, bem como também reforça a pouca homogeneidade que da análise do respectivo espólio frequentemente transparecia<sup>10</sup>.

De referir que a presença nalgumas destas colecções de uma elevada percentagem de materiais em sílex, integrando por vezes lâminas e alguns artefactos sobre lasca genericamente incaracterísticos, deixava entrever a sua associação com indústrias pré-históricas posteriores ao Paleolítico inferior, embora a ausência de qualquer peça típica não sugerisse a ocorrência de uma ocupação paleolítica mais recente. Na jazida da Carrasqueira, situada cerca de 100 m a sul da Capela de Santa Isabel em Monte Real, e nas colecções oriundas de Albergaria e Vidigal S. Pederneira, tais materiais surgem associados a algumas peças de quartzite que, nos dois últimos casos referidos, comportam mesmo utensílios claramente acheu-

---

<sup>10</sup> A colecção proveniente de Milagres (MNAE 0805), por exemplo, inclui diversos objectos que, a par da indicação do respectivo topónimo e código original (L11), apresentam inscrições que se reportam à sua descoberta em locais claramente distintos uns dos outros: «ao pé da fonte»; «perto da mata [...] ao Sul da Igreja»; «N. de Milagres/Colónia».

lenses, o que testemunha bem a heterogeneidade das amostragens. Todavia, a colecção proveniente de uma jazida de que só conhecemos o código inicialmente atribuído (Leiria 40), integra apenas objectos talhados em sílex e cinco fragmentos de cerâmica pré-histórica.

No que se refere às 17 colecções cuja proveniência pudemos determinar com precisão, constatou-se que 6 delas correspondiam a recolhas de superfície de um reduzido número de materiais acheulenses, não se tendo encontrado nenhuma peça nova nas prospecções que realizámos nos seus locais de origem<sup>11</sup>. Paralelamente, as colecções de Carrasqueira e Carreiro do Rio, ambas oriundas dos arredores de Monte Real, revelaram-se inconclusivas para o conhecimento das indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior da região.

As outras colecções compreendiam contudo não só amostragens numericamente mais significativas, como também propiciaram uma melhor aferição das suas condições de jazida e, conseqüentemente, do próprio valor das respectivas amostragens. A análise das colecções provenientes de Pousias e do Outeiro Pelado permitiu mesmo integrar os respectivos materiais no estudo específico de cada uma das estações, desenvolvido no âmbito das investigações que temos vindo a desenvolver na região.

### 3.1 — *Matoeira*

Os materiais associáveis ao topónimo de Matoeira totalizavam um conjunto de 283 objectos líticos talhados, distribuídos nas reservas do M.N.A.E. por quatro colecções diferentes, de acordo com as indicações apresentadas pelas suas peças. O seu estudo levou-nos porém a agrupá-los numa única colecção, resultante de recolhas superficiais efectuadas nas imediações da povoação de Matoeira, situada cerca de 800 m a NE

<sup>11</sup> De Oiteiros, situado 200m a N da Estação dos caminhos de ferro de Leiria, provinham dois bifaces, detectados na superfície da formação fluvial F3, sem que contudo se pudesse estabelecer qualquer associação dos materiais ao referido depósito quaternário. Situação análoga registava-se também com o biface e um outro artefacto talhado de quartzite encontrados em Barroca, a N de Regueira de Pontes, na superfície da formação fluvial F2, bem como com a colecção dos Moinhos da Ponte de Cavaleiros, oriunda da superfície da planície aluvial do Lis (formação fluvial F4), e que integrava um biface, um «hachereaux», uma lasca e quatro núcleos, todos em quartzite. Na Quinta dos Pinhais, localizada a S de Monte Real, foram por seu turno encontrados dois bifaces, dois seixos talhados e um núcleo, detectados numa área onde os depósitos pliocénicos se apresentam superficialmente revolvidos, enquanto a colecção proveniente de Ortigosa-Cemitério foi detectada na superfície de uma zona onde sobre o Plicénico surgem amiúde depósitos coluvionares de espessura variável. Curiosamente, os três

de Regueira de Pontes, para o que muito contribuiu a descoberta de novos objectos líticos talhados, em tudo similares aos existentes no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, no decurso das prospecções que aí realizámos<sup>12</sup>. Estes trabalhos permitiram ainda constatar a clara dispersão dos materiais pela superfície de vertentes, por vezes algo acentuadas, onde afloram depósitos detríticos miocénicos que, com frequência, se apresentam fortemente coluvionados. Em dois locais recolhemos mesmo alguns objectos talhados no interior das referidas coluviões.

Muito embora as condições de jazida desta colecção impeça um estudo que por si só seja susceptível de fundamentar a definição de uma cronologia, o elevado número de peças que a integram, bem como a acentuada homogeneidade do seu estado físico, confere à amostragem disponível uma validade suficiente para que, a partir da sua análise, se possa tentar estabelecer algumas comparações no quadro das indústrias acheulenses da região.

Um dos aspectos mais relevantes no estudo destes materiais reside aliás no facto de a esmagadora maioria das peças se apresentar relativamente boleada (95,8%), o que poderá ter sido determinado pelo arrastamento das peças ao longo das vertentes, em eventual associação com os materiais detríticos algo grosseiros que integram as coluviões areno-argilosos detectadas na zona onde foram originalmente recolhidos<sup>13</sup>. Por outro lado, à semelhança do que genericamente ocorre nas indústrias líticas acheulenses da região, o quartzito é também aqui a matéria-prima pre-

---

bifaces e restantes objectos líticos talhados aí recolhidos, num total de 19 peças, evidenciam na sua quase totalidade uma forte eolização. Por último, na superfície do miocénico que aflora na zona de Souto da Carpalhosa, encontraram-se 100 m a E da Igreja da povoação dois bifaces espessos (Souto).

<sup>12</sup> A colecção com a referência MNAE 0793 inclui 76 peças associadas ao topónimo Matueiras e ao código original L5, enquanto a colecção MNAE 0794 agrupa 180 objectos talhados que evidenciam o mesmo código (L 5), mas apresentam a designação de Matueiras-Pinhal. A referência MNAE 0796, por seu turno, reporta-se a uma colecção de 20 peças que apenas é relacionável com o código L5. Por último, surge um pequeno grupo de 7 objectos líticos, similares aos restantes, com a indicação de Matueiras, que foram ligadas a uma jazida da área de Monte Real, sem que todavia em nenhuma das peças se possa vislumbrar qualquer indicação que justifique tal associação. De referir ainda que as informações recolhidas junto do Sr. João Pedro Santos confirmam a proveniência destas colecções da área referida, bem como as condições de jazida que as nossas prospecções permitiram inferir. A indicação Matueira-Pinhal apenas pretendia individualizar os materiais recolhidos a N da povoação, numa área ainda hoje florestada.

<sup>13</sup> Infelizmente, o alargamento das prospecções à zona planáltica adjacente, não nos permitiu identificar na superfície dos depósitos pliocénicos que aí afloram qualquer tipo de concentração de vestígios arqueológicos.

ponderantemente usada para a elaboração das peças talhadas (97,1%), surgindo apenas alguns objectos talhados em quartzo (1,8%) e, em menor número ainda, em sílex (1,1%).

Os bifaces correspondem a 15,2% dos materiais recolhidos e na sua totalidade enquadram-se claramente entre os bifaces espessos, com claro predomínio para o grupo dos amigdalóides. No seu conjunto evidenciam porém uma ampla diversidade tipológica e incluem alguns artefactos parciais, entre os quais se integram um uniface. Os «hachereaux» estão menos representados (4,6%) e distribuem-se maioritariamente por tipos tecnicamente pouco evoluídos (tipo «O» e I), embora incluam outros algo mais complexos (tipo II). O número de triedros verdadeiros é ainda mais reduzido (2), enquanto os seixos talhados agrupam 19 peças, na sua maioria unifaciais. Os utensílios sobre lasca incluem 7 raspadores, 4 denticulados, 2 «becs» e 2 entalhes, representando 5,3% das peças da colecção estudada.

Em termos técnicos, a análise dos produtos de talhe permitiu constatar o conhecimento da técnica de talhe Levallois, embora o recurso à sua utilização se revele claramente esporádico. O número de lascas obtido numa fase preliminar da exploração dos núcleos é, por seu turno, bastante aproximado do valor apresentado pelas lascas de segunda geração, o que evidencia uma clara contradição com o elevado índice de facetagem restrito aferido (15,2). Os núcleos constituem o grupo de peças melhor representado (36%) e apresentam-se na sua maioria intensamente explorados (68,6%). Entre eles destaca-se um apreciável número de peças que se integram nos grupos IV (21), V (27), VI (18) e VII (10).

No seu conjunto não é difícil de descortinar nesta colecção toda uma série de características que a aproximam de forma inequívoca das indústrias acheulenses mais recentes que conhecemos actualmente na bacia hidrográfica do rio Lis. Aliás, não deixa de ser curioso que, apesar de o contexto em que estes materiais foram recolhidos não permitir confirmar ou precisar esta ilação, ele sugere contudo um posicionamento original dos vestígios arqueológicos numa situação topográfica destacada e sobranceira ao vale do rio Lis, em tudo semelhante à estratégia de ocupação do território que pudemos constatar nas estações paleolíticas da Quinta do Cónego / Pousias e no Casal de Santa Maria 1.

### 3.2 — *Quinta de S. Venâncio*

Ao contrário da colecção anterior, os materiais provenientes da Quinta de S. Venâncio constituem uma amostragem numericamente reduzida (42 peças) e, no que se refere ao seu estado físico, evidenciam

uma clara diferenciação entre as peças muito roladas (14) e as que não apresentam qualquer tipo de alteração física (19).

Como tais peças foram recolhidas na superfície de um local onde os afloramentos cretácicos do Cenomaniano inferior surgem amiúde recobertos por formações arenosas mais recentes, provavelmente oriundas do coluvionamento dos depósitos pliocénicos que existem na zona aplanada adjacente ao topo da encosta que aí se desenvolve, torna-se difícil estabelecer as razões que terão determinado o aparecimento de uma clivagem tão acentuada<sup>14</sup>. No entanto, a presença de vários objectos talhados com dupla pátina (8), permite admitir a sua conexão com, pelos menos, duas ocupações paleolíticas claramente distintas entre si.

A dimensão da amostragem inviabilizou obviamente a realização de qualquer análise comparativa dos dois grupos de objectos talhados definidos em função do respectivo estado de alteração física, susceptível de aferir, ou não, a ocorrência de qualquer diferenciação significativa entre eles em termos técnicos e tipológicos. O estudo das peças proporcionou porém a identificação em ambos os grupos de um conjunto de características que, à partida, sugerem globalmente uma certa similitude com as indústrias acheulenses mais recentes.

Os bifaces, por exemplo, embora agrupem mais de metade dos objectos recolhidos (22)<sup>15</sup>, integram-se maioritariamente no grupo das peças não alteradas (15). A sua acentuada diversidade tipológica, bem como a presença de numerosos artefactos que evidenciam uma cuidada elaboração técnica e uma concepção morfológica bastante equilibrada, entre os quais se destaca um biface plano, confere-lhes no seu todo um aspecto bem evoluído. Reforçando esta tendência, assinalou-se também no grupo de peças sem alteração uma pequena lasca proto-*levallois*. Os «*hachereaux*», por seu turno, embora apenas representados por 4 peças, todas elas pronunciadamente roladas, distribuem-se equitativamente pelos tipos I e II da classificação de J. Tixier.

---

<sup>14</sup> O local de proveniência desta colecção foi-nos indicado pelo Sr. João Pedro Santos, tendo tal informação sido posteriormente corroborada pela descoberta de novos artefactos talhados.

<sup>15</sup> Em nosso entender, este elevado número de bifaces terá sido determinado por uma recolha seleccionada dos materiais, o que constitui uma clara excepção entre o conjunto das colecções estudadas no M.N.A.E..

### 3.3 — *Quinta de Vale de Lobo*

A colecção de materiais paleolíticos da Quinta de Vale de Lobo foi recolhida num local e em condições em tudo semelhantes às registadas na Quinta de S. Venâncio, da qual distava aliás apenas cerca de 500 m<sup>16</sup>.

Os seus materiais apresentavam-se contudo globalmente roladas, não sendo possível estabelecer qualquer diferenciação significativa entre as peças que evidenciavam uma alteração muito pronunciada e as que apenas possuíam as arestas de talhe nitidamente boleadas, tanto mais que as suas condições de jazida impediam que se inferisse dessa distinção qualquer conclusão minimamente válida, e o próprio valor quantitativo da amostragem (47 peças) inviabilizava também a realização de comparações credíveis entre ambos os grupos.

No que se refere às suas características técnicas e tipológicas, registava-se um acentuado paralelismo com a colecção da Quinta de S. Venâncio. Os bifaces constituíam os artefactos melhor representados (10) e, apesar de na sua maior parte se enquadrarem no grupo dos amigdalóides (6), incluíam uma peça claramente plana (ovalar com talão) e uma outra associável ao grupo dos bifaces lanceolados. Proporcionalmente bastante mais numerosos (7), os «hachereaux» distribuíam-se também equitativamente pelos tipos tecnicamente menos evoluídos («O») e por outros relativamente mais elaborados (II). De registar ainda a identificação de um núcleo Levallois entre os produtos de talhe presentes na colecção, o que permitiu igualmente constatar o conhecimento desta técnica de talhe particularmente evoluída.

### 3.4 — *Moinhos da Barosa*

Os materiais desta colecção foram recolhidos nas imediações de uma trincheira da linha dos caminhos de ferro do Oeste, entre os Km 158 e 159, a SW da povoação de Moinhos da Barosa, numa zona onde os afloramentos detriticos miocénicos se apresentam fortemente coluvionados ao longo de toda a vertente contígua<sup>17</sup>.

Reflectindo um pouco toda esta situação, as 54 peças que então aí foram encontradas apresentam estados de alteração física bastante diversificados.

<sup>16</sup> Também aqui a localização precisa dos achados foi determinada graças à colaboração do Sr. João Pedro Santos, tendo-nos sido igualmente possível detectar no local a presença de um reduzido número de peças talhadas.

<sup>17</sup> A localização precisa destes achados antigos só foi possível graças às informações que nos foram facultadas pelo Sr. João Pedro Santos.

O grupo de objectos talhados com um boleamento particularmente acentuado integra 5 bifaces, um dos quais claramente plano e com uma morfologia sub-cordiforme, e dois «hachereaux» (tipos «O» e I), sendo as suas restantes peças constituídas apenas por produtos de talhe, num total de 19 objectos talhados. Menos numeroso (10 peças), o grupo com um boleamento menos pronunciada incluía um único biface, também plano, 1 lasca, 6 núcleos e 2 utensílios diversos. Com um representatividade ainda mais reduzida, os materiais não alterados compreendem apenas 1 lasca, 3 núcleos e um fragmento de talhe. Por último surge um grupo de 18 peças bastante eolizados, entre as quais se destaca a presença de um «hachereaux» de tipo I, um núcleo proto-levallois e um outro núcleo com dupla pátina.

A heterogeneidade que no seu conjunto estes materiais revelam decorre certamente da associação de um conjunto de circunstâncias cuja clara identificação é inviável face aos dados disponíveis, o que impossibilita o seu adequado estudo e desaconselha o estabelecimento de comparações com outras indústrias melhor conhecidas.

### 3.5 — *Casal de Santa Maria 2*

Esta jazida localiza-se 1 km a NNW da povoação de Parceiros, numa zona aplanada que se desenvolve entre os vales da ribeira de Picheleiro e da ribeira de Parceiros. A colecção foi recolhida nas imediações de um casal de que ainda hoje existem vestígios, numa área fortemente perturbada por trabalhos agrícolas, onde nos foi possível detectar também alguns objectos líticos similares aos conservados no M.N.A.E..

A análise do estado físico das 58 peças que integram a colecção permitiu constatar a presença de dois grupos principais de materiais. O primeiro engloba 20 objectos não alterados e incluiu na sua maior parte artefactos relativamente elaborados: 11 bifaces, 1 «hachereau» e 3 triedros. O outro grupo é constituído por 32 peças eolizadas, nele se integrando 8 bifaces e 1 «hachereau». Das restantes peças aí recolhidas, duas apresentam-se ainda relativamente boleadas e 4 evidenciam um profundo boleamento.

Muito embora desta análise ressalte a preponderância de dois grupos de alteração física, o contexto claramente secundário em que os materiais foram recolhidos e o valor quantitativo da amostragem, não deixa contudo determinar o seu verdadeiro significado.

No seu conjunto, os bifaces detectados incluem-se na totalidade no grupo das formas espessas, com predomínio dos tipos amigdalóides, enquanto os dois únicos «hachereaux» se distribuem pelos tipos mais simples («O» e I). De assinalar ainda a presença de 2 triedros, 6 seixos talhados e 1 utensílio sobre lasca.

### 3.6 — *Pousadas*

Ao contrário das jazidas anteriores, as 48 peças talhadas provenientes de Pousadas evidenciam uma assinalável homogeneidade no que se refere ao seu estado físico, já que na sua maioria se apresentam totalmente eolizadas (43). Mas se este facto nos permite à partida considerar o seu estudo de uma forma global, a análise do local deixa contudo transparecer uma situação pouco clara.

Do ponto de vista topográfico, os materiais foram recolhidos numa zona que apresenta condições privilegiadas para aí se poder admitir a ocorrência de uma ocupação paleolítica<sup>18</sup>. Com efeito, trata-se de uma elevação que se destaca de forma pronunciada nas imediações da confluência do rio Lena com o rio Lis, donde é possível vislumbrar boa parte da extensa planície aluvial que se desenvolve a jusante de Leiria. Em termos geológicos, a elevação corresponde porém a um afloramento de rochas eruptivas, associado ao diapírico de Leiria, o que dificulta a definição precisa das reais condições de jazida dos materiais paleolíticos. Esta situação é ainda agravada actualmente pela implantação no local de uma ampla urbanização que transformou por completo o topo da elevação.

Os 7 bifaces identificados nesta colecção integram-se na sua totalidade no grupo dos espessos, embora evidenciem uma certa diversidade morfológica. Um deles é claramente parcial. Os restantes artefactos incluem apenas 4 seixos talhados, dois raspadores, um «bec» e uma raspadeira afocinhada atípica. Entre os produtos de talhe destaca-se apenas a presença de um apreciável número de núcleos discóides e de um núcleo Levallois.

No seu conjunto, estas características, em conexão com a localização topográfica dos achados, sugerem, porém, a associação desta colecção às indústrias acheulenses mais recentes que se conhecem no vale do rio Lis.

### 3.7 — *Tercenas*

O Prof. Doutor Manuel Heleno, no trabalho que publicou sobre o balanço da sua actividade arqueológica ao longo de 25 anos, refere-se explicitamente à descoberta de indústrias acheulenses «na foz do Lis abaixo do nível actual dos mares» (HELENO 1956).

---

<sup>18</sup> A identificação do topónimo foi-nos facultada pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Parceiros, tendo-se recolhido no local apenas uma pequena peça talhada, encontrada nas imediações da urbanização actualmente aí existente.

No inventário que realizámos dos materiais do M.N.A.E., provenientes da região de Leiria, detectaram-se duas colecções diferentes, cujas peças se encontravam na totalidade marcadas pelo código MR20, o qual surgia porém associado ao topónimo Tercenas em três dos objectos que se analisaram<sup>19</sup>. Duas outras pequenas colecções incluíam também peças apenas marcadas com o topónimo Tercenas, mas, embora num dos casos estivesse explicitamente indicada a sua localização na foz do Lis, a colecção havia sido ironicamente associada a Rio Maior, numa confusão certamente decorrente da sua proximidade em relação a outros materiais com os quais terá estado exposta<sup>20</sup>.

A localização do topónimo nas margens do rio Lis, a cerca de 1400 m da actual foz do rio, não permitia porém estabelecer de uma forma segura as condições de jazida dos materiais, já que se tratava de uma zona amplamente coberta por formações dunares recentes, onde o próprio leito do Lis sofreu profundas alterações no decorrer dos trabalhos de regularização do seu curso. Quando nos deslocamos ao local na companhia do sr. João Pedro Santos fomos informados que a recolha das peças tinha sido efectuada entre os materiais utilizados na construção do dique (mota) que actualmente delimita a margem esquerda do rio, os quais provinham dos trabalhos de dragagem que então se realizaram no próprio leito original do Lis.

Tendo em conta estes dados, embora facilmente se possa compreender as razões que terão determinado quer a profunda eolização de boa parte dos objectos talhados aí detectadas (33), quer o acentuado boleamento que afectou praticamente o resto da colecção estudada (40), é-nos difícil precisar o seu real significado, dada a ausência de informações sobre as modificações que se operaram ao longo do Quaternário nas proximidades do pequeno estuário do rio. A própria análise técnica e tipológica dos materiais também se revela inconclusiva.

No seu conjunto os materiais associados a Tercenas totalizam 77 peças talhadas, na sua esmagadora maioria em quartzito (93,5%), tendo-se identificado entre os artefactos 8 bifaces, 6 «hachereaux» e 4 seixos talhados, enquanto os produtos de talhe incluem 30 lascas, 17 núcleos e 8 fragmentos de talhe. Os bifaces foram em grande parte elaborados a partir de grandes lascas de quartzito, apesar de quase sempre se enquadrarem no grupo dos bifaces espessos. Um único biface plano (discóide típico) evidencia um pronunciado boleamento. Os «hachereaux», por seu turno,

---

<sup>19</sup> V. MNAE 0823 e 0824.

<sup>20</sup> V. MNAE 0870 e 0984. Junto da colecção MNAE 0870 encontrava-se uma pequena placa cuja legenda associava os materiais a Rio Maior.

distribuem-se pelos tipos mais simples («O» e I), sendo porém de assinalar a presença de utensílios de tipo II quer no grupo de peças eolizadas, quer entre os materiais profundamente rolados.

### 3.8 — *Salgueiros*

Embora não nos tenha sido possível localizar a proveniência desta colecção, o valor quantitativo e qualitativo da sua amostragem merece que lhe seja feita uma referência mais pormenorizada.

Os 172 objectos líticos que nela se integram foram maioritariamente obtidos a partir do talhe de quartzito (87,8%), surgindo a utilização do quartzo de forma destacada em segundo lugar (11%). O sílex está apenas representado por três peças, uma das quais corresponde a um biface espesso parcialmente fracturado e as duas restantes a fragmentos de talhe. Todos os outros artefactos foram porém elaborados em quartzito, já que as 19 peças identificadas em quartzo englobam apenas produtos directos do talhe (lascas e núcleos).

É no entanto a análise do estado de alteração física destas peças que melhor permite estabelecer a aparente homogeneidade da colecção. A eolização evidenciada por 93,6% dos materiais, apesar de se desconhecermos as respectivas condições de jazida, sugere de forma clara a sua associação a um conjunto de circunstâncias que não só terão determinado o desenvolvimento dos fenómenos responsáveis pela alteração registada, mas também evitaram a dispersão dos vestígios<sup>21</sup>.

Completam a colecção 10 peças com arestas vivas e sem qualquer vestígio de eolização (5,8%), nas quais apenas se incluem um biface em quartzito e um seixo talhado unifacial também em quartzito, sendo ainda de assinalar a presença de um núcleo discóide de quartzito profundamente boleado e eolizado.

Os bifaces correspondem a 19,2% do total das peças, representando 58,9% dos artefactos identificados, o que os torna indiscutivelmente o grupo de peças mais expressivo para caracterizar a colecção. Entre os 19 bifaces em que foi possível determinar a natureza do respectivo suporte, constatou-se a utilização preferencial de lascas (11), seguida pelos seixos rolados (6) e pelas calotes (2).

---

<sup>21</sup> A maior parte das peças apresenta ainda a lápiz a primitiva indicação do topónimo e do respectivo código original (L28), sem nunca se vislumbrar qualquer inscrição susceptível de permitir deduzir a ocorrência de qualquer diferenciação significativa do respectivo local de recolha (V. a este propósito as considerações registadas na nota 10 sobre a colecção proveniente de Milagres).

Em termos tipológicos a classificação destas peças revela uma acentuada diversidade de formas, apesar de na sua quase totalidade elas se integrarem no grupo dos bifaces espessos. Apenas dois artefactos correspondem à definição clássica de bifaces planos ( $m/e > 2,35$ ), um dos quais é porém igualmente associável ao grupo dos bifaces parciais que, num total de 9 peças, inclui 2 unifaces. De registar ainda a identificação de 3 bifaces do chamado grupo dos lanceolados, onde se destaca a presença de um biface lanceolado típico que revela um acentuado apuro técnico e uma morfologia bastante equilibrada.

Os «hachereaux» estão apenas representados por 3 peças, o que constitui 1,7% do total dos materiais da colecção e 5,4% dos artefactos detectados. Curiosamente são na sua totalidade associáveis ao tipo II da classificação de J. Tixier.

Os restantes artefactos compreendem um único triedo, 6 seixos talhados, 7 utensílios sobre lasca e seis utensílios de tipo diverso que não se integram em nenhum dos grupos classificativos anteriores. Entre os utensílios sobre lasca destaca-se a presença de 4 raspadores, 1 furador, 1 denticulado e 1 faca de dorso natural.

No conjunto das 76 lascas estudadas constatou-se o predomínio das chamadas lascas de segunda geração, sendo ainda de notar a aferição de um índice largo de facetagem bastante elevado (23,4). Os núcleos, num total de 54 peças, incluem por seu turno um grande número de núcleos discóides, tendo-se igualmente identificado um núcleo Levallois.

Globalmente esta colecção apresenta assim um conjunto de características técnicas e tipológicas que sugerem de forma nítida a sua similitude com as indústrias acheulenses mais recentes que se conhecem na região. Por outro lado, mesmo não se dispendo de qualquer informação precisa sobre as condições de jazida desta colecção, já que se ignora o próprio local de proveniência dos achados, a alteração eólica registada na quase totalidade das suas peças evidencia também uma clara aproximação com a situação observada nas Estações Paleolíticas do Casal de Santa Maria 1 e do Casal do Azemel, cujas indústrias líticas representam a fase mais recente que se conhece da ocupação acheulense no vale do rio Lis.

#### 4 — Conclusões

O estudo dos vestígios arqueológicos actualmente conhecidos na bacia hidrográfica do rio Lis apenas permite testemunhar a presença na região do homem do Paleolítico Inferior. Apesar de se terem detectado alguns achados que integravam peças passíveis de poderem ser associadas a ocupações paleolíticas posteriores, não foi até agora possível iden-

tificar materiais suficientemente característicos para se estabelecer de forma inequívoca a permanência do homem na região nos períodos subsequentes do Paleolítico.

O espólio que até nós chegou destes nossos antepassados é exclusivamente constituído por objectos líticos talhados com uma composição técnica e tipológica típica das indústrias acheulenses do Paleolítico Inferior. Na sua esmagadora maioria estas peças foram elaboradas a partir do talhe de seixos rolados de quartzito, os quais se encontram abundantemente representados nas várias formações detríticas que se depositaram na região desde o Cretácico inferior até ao Pleistocénico. Num número claramente inferior surgem ainda algumas peças resultantes do talhe de seixos rolados de quartzo e de nódulos de sílex que correspondem quase sempre a lascas, núcleos ou fragmentos de talhe. Trata-se também, em ambos os casos, de um aproveitamento de matérias-primas localmente disponíveis, embora nem sempre evidenciem as características adequadas para o fim a que se destinam, o que certamente terá determinado a sua esporádica utilização. Os seixos rolados de quartzo encontram-se quase sempre associados aos de quartzito nos vários depósitos detríticos já referidos, mas registam uma frequência e dimensões globalmente bastante inferiores, para além de amiúde apresentarem clivagens nada propícias ao desenvolvimento do talhe. O sílex, por seu turno, aparece na região inserido nalguns depósitos detríticos miocénicos sob a forma de pequenos nódulos quebradiços, igualmente pouco adequados para a obtenção de objectos líticos talhados.

A identificação de um conjunto de estações arqueológicas onde nos foi possível definir com precisão as reais condições de jazida destas indústrias acheulenses, permitiu integrar o seu estudo no quadro crono-estratigráfico da região, estabelecido a partir do levantamento exaustivo das respectivas formações geológicas quaternárias. Pudemos assim detectar a existência de, pelo menos, duas ocupações acheulenses claramente distintas em termos cronológicos.

Uma primeira ocupação encontra-se representada por vestígios arqueológicos associados à base da formação fluvial F1b, o que torna legítimo admitir que a presença do homem terá então ocorrido a seguir à fase de encaixe do leito rio Lis que engendrou a quase total destruição da formação fluvial mais antiga que aí se conhece (F1a).

A região foi de novo posteriormente ocupada numa altura em que as condições climáticas vigentes conduziram à rarefacção da cobertura vegetal, o que determinou a eolização de boa parte do espólio lítico abandonado. O facto de alguns destes materiais terem sido detectados no interior de depósitos coluvionares cujos constituintes se apresentavam igualmente eolizados (Casal de Santa Maria 1, p.e.), sugere a sua contem-

poraneidade com a última fase de morfogénese que a região conheceu, dado que em termos pedológicos as referidas coluviões se terão desenvolvido num momento claramente posterior à deposição da formação fluvial F3.

Ao longo período de tempo que decorreu entre estas duas ocupações, bem testemunhado pela amplitude dos fenómenos que levaram o rio a encaixar entretanto o seu leito em quatro momentos distintos e a depositar um igual número de formações fluviais com uma assinalável espessura (F1b, F1c, F2 e F3), não correspondeu porém a uma evolução muito pronunciada das respectivas indústrias líticas.

Do ponto de vista técnico assistiu-se a uma complexificação do talhe, patente nas indústrias mais recentes quer pelo predomínio das chamadas lascas de segunda geração, quer pela presença de um elevado número de núcleos explorados de forma intensiva e com uma estratégia de desenvolvimento das extracções nitidamente mais elaborada. Os testemunhos da aplicação da técnica de talhe Levallois também aí observados, apesar de a sua utilização apenas ocorrer de forma pontual, corroboram igualmente essa tendência.

Em termos tipológicos a distinção entre as duas ocupações revela-se contudo um pouco menos evidente.

A análise dos bifaces, por exemplo, que são sem dúvida os artefactos mais significativos no conjunto das indústrias líticas estudado, apenas permite constatar uma maior diversificação morfológica nas indústrias associadas à ocupação acheulense mais recente. A presença de um maior ou menor número de bifaces parciais ou de bifaces planos, embora por vezes possa corresponder a uma aparente tendência evolutiva destas indústrias, deve no entanto ser analisada tendo em conta os condicionamentos resultantes da própria matéria-prima disponível. Na verdade, a utilização sistemática de seixos rolado de quartzito ou de lascas de grandes dimensões deles extraídas, surge quase sempre acompanhada por um judicioso aproveitamento da morfologia dos suportes originais, o que muitas vezes constitui um factor determinante na aferição de muitos dos atributos morfológicos subjacentes à classificação tipológica clássica a que recorreremos.

Já o estudo dos «hachereaux», baseado numa classificação em que a definição das características morfológicas de cada tipo emerge da própria concepção técnica da peça, torna possível constatar de novo a relativa complexidade das indústrias acheulenses mais recentes da região. Com efeito, embora se continue a verificar a persistência dos tipos tecnicamente menos elaborados que caracterizavam as indústrias mais antigas (tipos «O» e I), aparecem em número significativo alguns tipos cuja confecção revela um claro apuro técnico (tipos II e V).

De assinalar ainda que as indústrias mais antigas apresentam em

geral uma percentagem mais elevada de triedros e seixos talhados que as correspondentes à ocupação posterior, as quais, por sua vez, comportam utensílios sobre lasca em maior número e com uma diversificação tipológica relativamente acentuada, o que aparentemente coincide com a evolução técnica que entre ambas se regista. Esta situação deve todavia ser encarada com alguma prudência, dadas as reduzidas percentagens que todos estes artefactos evidenciam nestas indústrias.

Por outro lado, apesar de muitos dos vestígios arqueológicos destas duas ocupações acheulenses terem sido detectados em contextos secundários, a sua associação a depósitos cuja génese deixa entrever um posicionamento topográfico claramente distinto dos locais em que o homem se terá fixado, permite constatar a ocorrência de duas estratégias de ocupação do território bem diferenciadas.

Inicialmente o homem paleolítico ter-se-á instalado nas proximidades das margens do rio, onde abundariam os recursos de que necessitava para o desenvolvimento das suas actividades económicas de caça e recolção, entre os quais se destacavam os seixos rolados cujo talhe lhe permitia obter muitos dos artefactos que lhe eram indispensáveis.

No decurso da ocupação acheulense mais recente o homem fixou-se porém em locais elevados, estrategicamente situados nas proximidades dos vales que frequentemente percorreria no exercício das suas actividades, não dependendo já claramente das fontes de abastecimento da matéria-prima indispensável para a confecção da sua utensilagem lítica. A identificação de peças com dupla pátina nas indústrias referentes a esta última ocupação deixa aliás entrever a possibilidade de a presença do homem paleolítico nalguns destes locais se ter repetido em momentos diferentes, podendo nalguns casos ter mesmo ocorrido com um carácter sazonal.

No seu conjunto, estas observações tornaram possível enquadrar o estudo das colecções paleolíticas depositadas no M.N.A.E. num contexto regional relativamente preciso. Na verdade, muito embora a diminuta amostragem de grande parte dessas colecções tenha apenas permitido, nos casos em que foi possível localizar aproximadamente a sua proveniência, confirmar a dispersão de vestígios paleolíticos por toda a bacia hidrográfica do rio Lis, em relação a certas colecções conseguiu-se ultrapassar a mera descrição dos artefactos que as integravam, tendo-se mesmo chegado a determinar pontualmente as respectivas condições de jazida.

Curiosamente, as colecções cujo estudo se revelou mais significativo, evidenciavam genericamente toda uma série de características que levavam a estabelecer claramente a sua associação com as ocupações acheulenses mais recentes da região<sup>22</sup>. A presença de outros materiais cujo enquadramento e caracterização não foi possível definir, embora num ou noutro caso não se possa afastar a hipótese de poderem corresponder às indústrias acheu-

lenses mais antigas, sugerem a eventual ocorrência de outras ocupações acheulenses cuja existência até agora não pode ser identificada de forma adequada na região.

Os dados disponíveis não permitem, aliás, reconhecer qualquer indício susceptível de justificar um completo abandono da região por parte do homem paleolítico no longo período de tempo que terá decorrido entre as duas ocupações acheulenses até agora aí devidamente reconhecidas. Sucede porém que os trabalhos de exploração de areias e o desenvolvimento de obras públicas que conduziram à descoberta de vestígios arqueológicos em associação com a base da formação fluvial F1b, não se estenderam com a mesma amplitude às restantes formações fluviais presentes no vale do rio Lis, o que inviabilizou completamente a aferição do seu potencial valor arqueológico.

Certamente que o prosseguimento das investigações nesta região conduzirá no futuro à recolha de novos dados capazes de colmatar muitas das lacunas que emergem dos nossos actuais conhecimentos sobre o Paleolítico no vale do rio Lis<sup>23</sup>. Antes, porém, julgamos que o desenvolvimento do estudo das diferentes indústrias líticas até agora aí detectadas, através da análise das cadeias operatórias subjacentes à produção das principais peças que as constituem, poderá vir a contribuir a curto prazo, de forma significativa, para o esclarecimento de alguns desses problemas. Na verdade, a aplicação que temos vindo a desenvolver de uma tal metodologia de trabalho às amostragens disponíveis, dado o seu valor em termos quantitativos e qualitativos, tem já revelado resultados susceptíveis de ultrapassarem muitas das limitações com que se deparam as classificações tipológicas de base morfológica correntes em estudos similares.

---

<sup>22</sup> (*Vem da página anterior*) Não será estranho a este facto a circunstância de o próprio Prof. Doutor Manuel Heleno afirmar que não encontra na região nenhuma estação com estratigrafia, o que nos leva a deduzir que a generalidade das recolhas se reportam a materiais líticos detectados à superfície.

<sup>23</sup> Entre os elementos de estudo mais significativos ultimamente detectados na região conta-se aliás a descoberta num pequeno terraço do rio Lena de uma indústria lítica *in situ*, cujo estados nos propomos desenvolver num futuro próximo, no intuito de aferir nomeadamente a sua correlação com o quadro crono-estratigráfico da região (CUNHA-RIBEIRO e MONTEIRO RODRIGUES 1992).

## Bibliografia

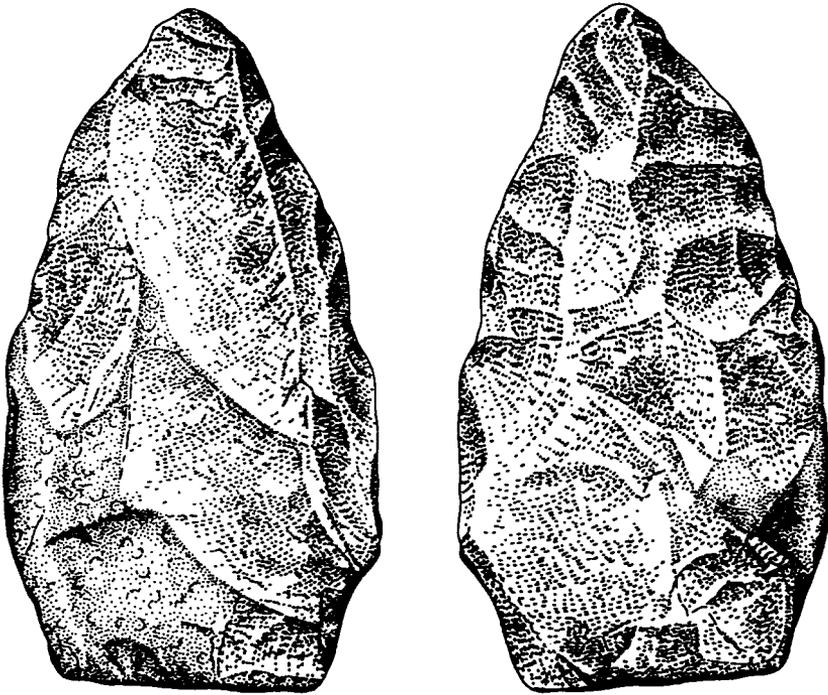
- BALOUT, L., BIBERSON, P. e TIXIER, J. (1967), «L'Acheuléen de Ternifine (Algérie), gisement de l'Atlanthrope», *L'Anthropologie*, 71, Paris, pp. 217-238.
- BORDES, François (1961), *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*, Éd. Delmas, Bordeaux, 1 vol., p. 85, 11 fig., 1 atlas, 108 est.
- CORREIA, Vergílio (1912), «O Paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo», *O Arqueólogo Português*, XVII, Lisboa, pp. 55-62.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1987), *Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do rio Lis no seu contexto crono-estratigráfico*, Porto, p. 165 (policopiado).
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1990), «Os primeiros habitantes», *Nova História de Portugal* (dir. de Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques), vol. I (coord. de Jorge de Alarcão), Editorial Presença, Lisboa, pp. 15-74.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1990-1991) «Intervenção arqueológica na estação acheulense da Quinta do Cónego/Pousias (Cortes, Leiria)», *Portugália*—Nova Série, XI-XII, Porto, pp. 9-22.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1992), «Escavações na estação paleolítica acheulense do Casal do Azemel (Batalha)» (no prelo).
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro, MEIRELES, José e TEXIER, Jean-Pierre, «L'Acheuleen du Nord et du Centre du Portugal: bilan des connaissances actuelles», *L'Acheuleen dans l'Ouest de l'Europe, Resume des Communications*, Saint-Riquier, 1989, pp. 76-81.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro e MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio E. (1990-1991), «Estação Paleolítica da Jardoeira (Batalha). Notícia preliminar», *Portugália*—Nova Série, XI-XII, Porto, pp. 139-140.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro e TEIXEIRA, A. José Meneses (1992), «Casal do Azemel (Batalha). Primeiras escavações», *Arqueologia*, 22, Porto (no prelo).
- FONTES, Joaquim (1912), «Contribution à l'étude de la Période Paléolithique en Portugal», *Compte-rendu du Congrès Préhistorique de France*, Session de Nîmes, Le Mans, pp. 3-11.
- FONTES, Joaquim (1917), «Instruments paléolithiques dans la collection de Préhistoire du Service Géologique», *Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal*, XII, Lisboa, pp. 1-16.
- FONTES, Joaquim (1923), *O Homem Fóssil em Portugal*, col. «Natura», Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, p. 91.

- FONTES, Joaquim (1932), «A questão do Homem Fóssil em Portugal», *Arquivo Histórico*, I, fasc. 1, Lisboa, pp. 11-26.
- HELENO, Manuel (1956), «Um quarto de século de investigação arqueológica», *O Arqueólogo Português*, Nova Série, III, Lisboa, pp. 221-237.
- MACHADO, João L. Saavedra (1964), «Subsídios para a história do Museu Etnológico», *O Arqueólogo Português*, Nova Série, V, Lisboa, pp. 51-448.
- PAÇO, Afonso do (1966), «Subsídios para uma nova Carta do Paleo e Mesolítico Português», *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III Série, n.º 10, pp. 3-26.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1977), «Departamento de Pré-história. Relatório em Dezembro de 1984. Reorganização das colecções», *O Arqueólogo Português*, III Série, VI-VII, Lisboa, pp. 7-13.
- PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares (1910), «Notícias Diversas. VII — Paleolítico de Leiria», *Materiais para o Estudo das Antiguidades portuguesas*, Anno I, n.º 2, p. 56.
- QUEROL, Maria Angeles e SANTONJA, Manuel (1979), *El yacimiento achelense de Pinedo (Toledo)*, Ministerio de Cultura, Direccion General del Patrimonio Artístico, Archivos y Museos, Madrid, p. 181.
- SANTONJA, Manuel (1984-1985), «Los núcleos de lascas en las industrias paleolíticas de la meseta española», *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, Salamanca, pp. 17-33.
- RAPOSO, Luís e CARREIRA, J.R. (1985), «Acerca da existência de complexos industriais préacheulenses no território português» *O Arqueólogo Português*, Série IV, 4, Lisboa, pp. 7-20.
- TAVOSO, André (1978), *Le Paléolithique inférieur et moyen du Haut-Languedoc. Gisements des terrasses alluviales du Tarn, du Dadou, de l'Agout, du Sar et du Fresquel*, Études Quaternaires, Mémoires n.º 5, éditions du Laboratoire de Paléontologie Humaine et Préhistoire, Paris, p. 404.
- TEIXEIRA, A. J. Meneses (1984-1985), «Elementos da Cultura Material na Estação Paleolítica da Recta dos Pinheiros; Pinheiros (Batalha-Leiria)», *Jornal de Leiria*, n.ºs 2431, 2433, 2435 e 2437, Leiria, 1984-1985.
- TEIXEIRA, Carlos e ZBYSZEWSKI, Georges (1968), *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 23-C (Leiria)*, Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, p. 99.
- TEXIER, Jean-Pierre e CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1992), «Les formations quaternaires du Lis. Leur importance pour la chronostratigraphie de l'acheuleen portugais», *Cadernos de Arqueologia* (no prelo).
- TIXIER, Jacques (1956), «Le hachereau dans l'Acheuléen Nord-Africain. Notes typologiques», *Congrès Préhistorique de France*, XV Session, Poitiers-Angoulême, pp. 914-923.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1897), *Religiões da Lusitania*, I vol., Imprensa Nacional, Lisboa, p. 440.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922), «Instrumento paleolítico de Leiria», *O Arqueólogo Português*, XXI, Lisboa, pp. 133-134.
- VEIGA FERREIRA, O. da (1984), «A Pebble culture ou Pebble industry em Portugal. Breve síntese da sua descoberta e estudo», *Lucerna. Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*, Porto, pp. 17-24.
- ZBYSZEWSKI, G., MANUPPELLA, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (197), *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000. Notícia explicativa da folha 27-A (Vila Nova de Ourém)*, Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, p. 82.

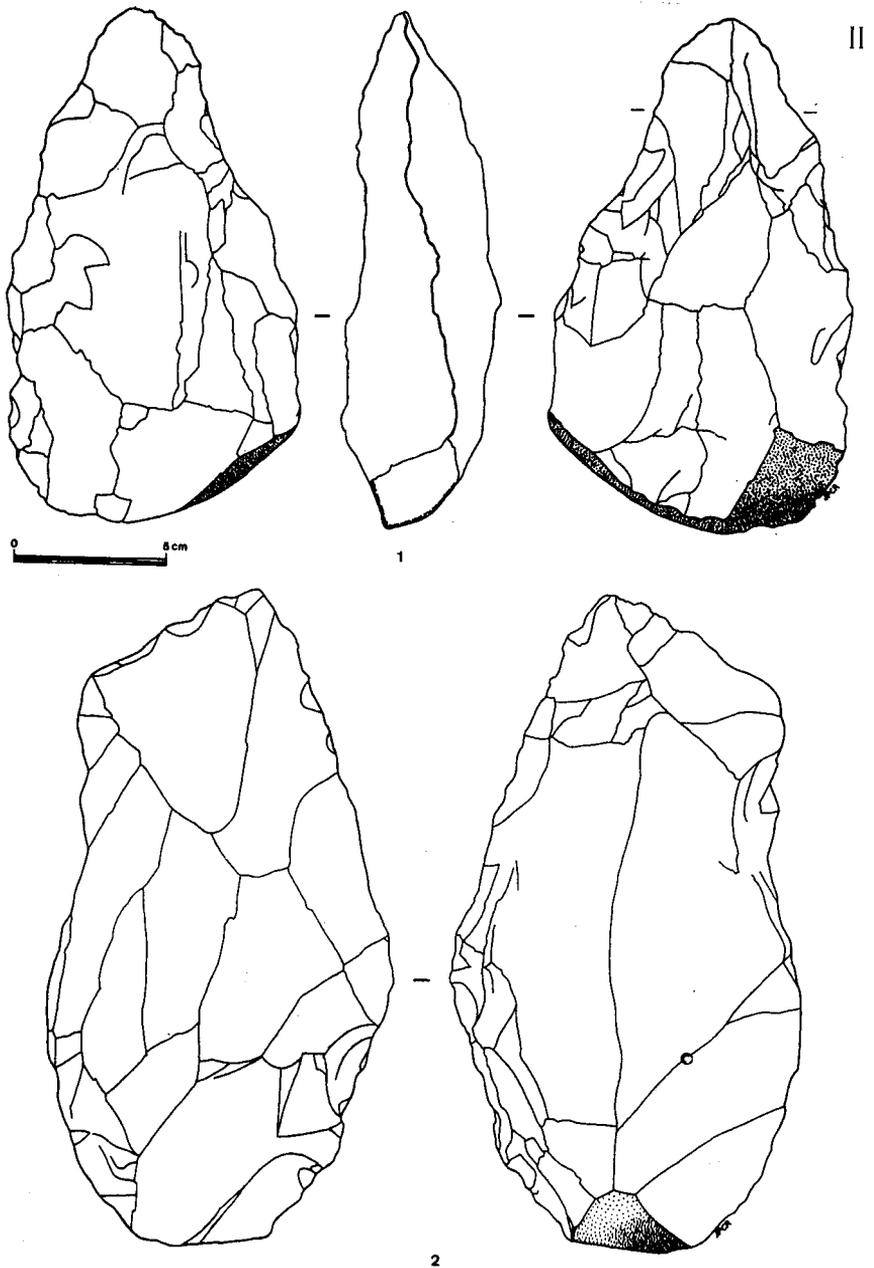
ZBYSZEWSKI, G. e PENALVA, C. (1982), «Contribuição para o conhecimento do Paleolítico do Monte Real», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 68, fasc. 2, Lisboa, pp. 299-305.

ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. da (1969), «La station paléolithique da Quinta do Cónego (Côrtés, Leiria)», *O Arqueólogo Português*, III Série, III, Lisboa, pp. 7-16.

ZBYSZEWSKI, G., VEIGA FERREIRA, O. da, PENALVA, C. e TEIXEIRA, A. J. Meneses (1980), «Nova Contribuição para o Conhecimento do Paleolítico da Quinta do Cónego (Côrtés, Leiria)», *Revista de Guimarães*, XC, Guimarães, pp. 181-189.

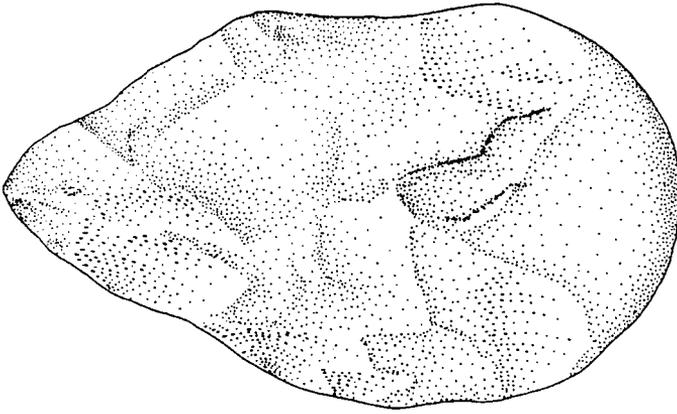


Estampa I  
Biface amigdalóide com talão, muito baleado, proveniente da escavação realizada na Estação Paleolítica da Quinta do Cônego/Pousias

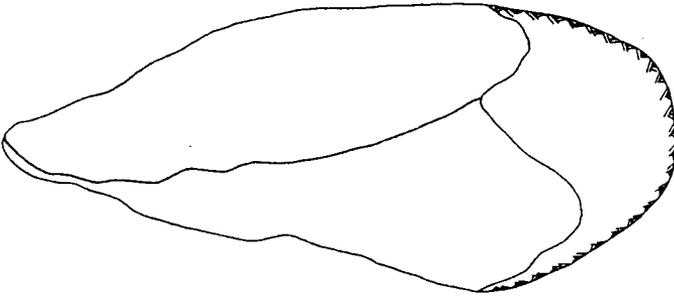


Estampa II

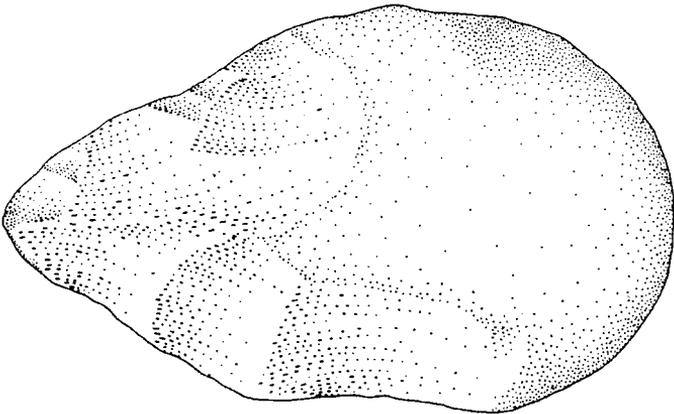
- 1 — Biface espesso com silhueta sub-triangular (Quinta do Cónego/Pousias, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)  
 2 — «Machereaux» tipo V (Quinta do Cónego/Pousias)



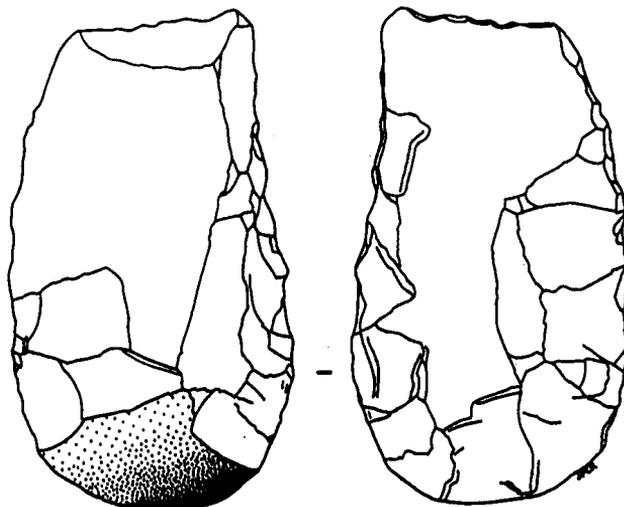
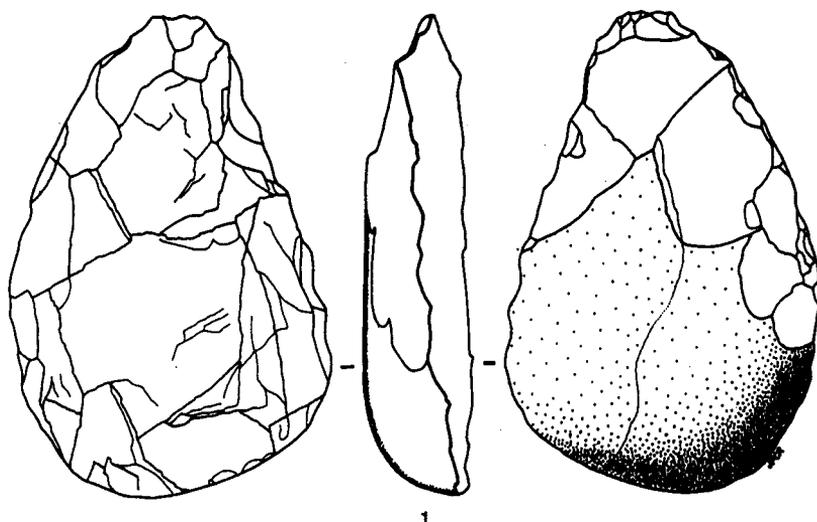
|



|



Estampa III  
Biface amigdalóide com talão (Areeiro da Quinta da Carvalha,  
Gândara dos Olivais)

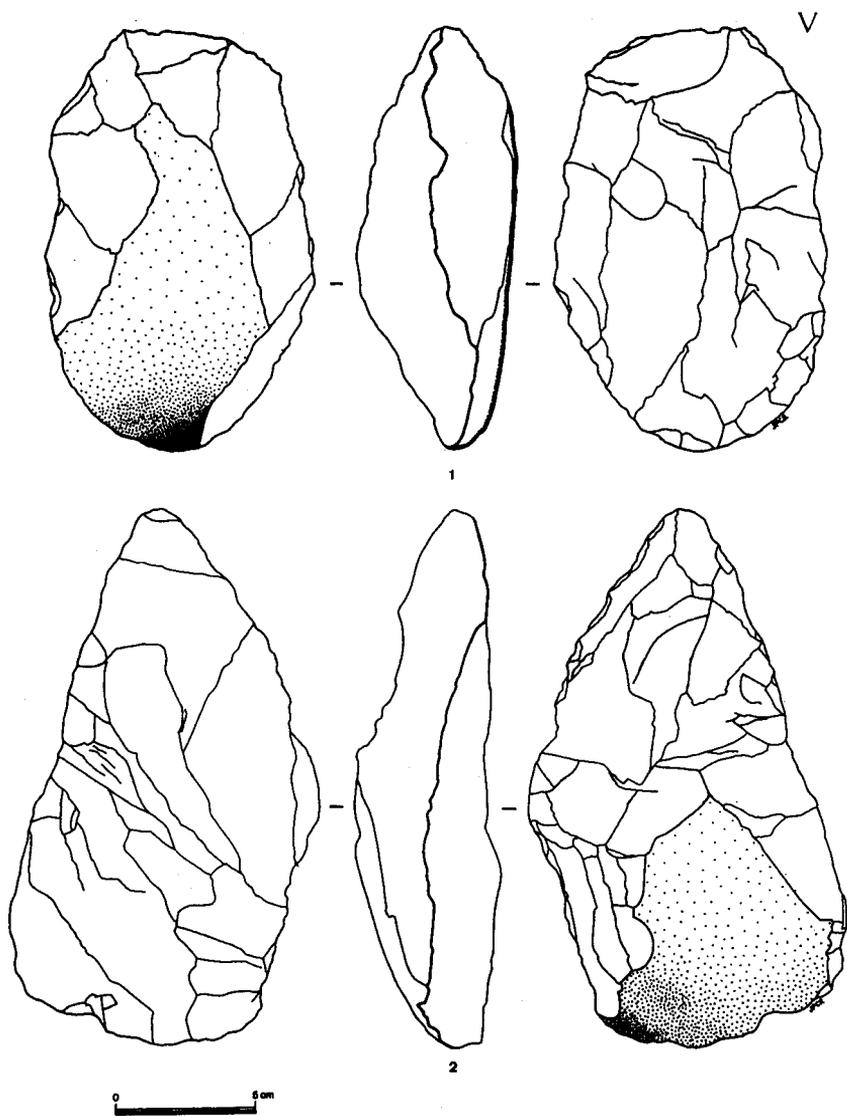


2

Estampa IV

1 — Biface cordiforme alongado (Casal do Azemel)

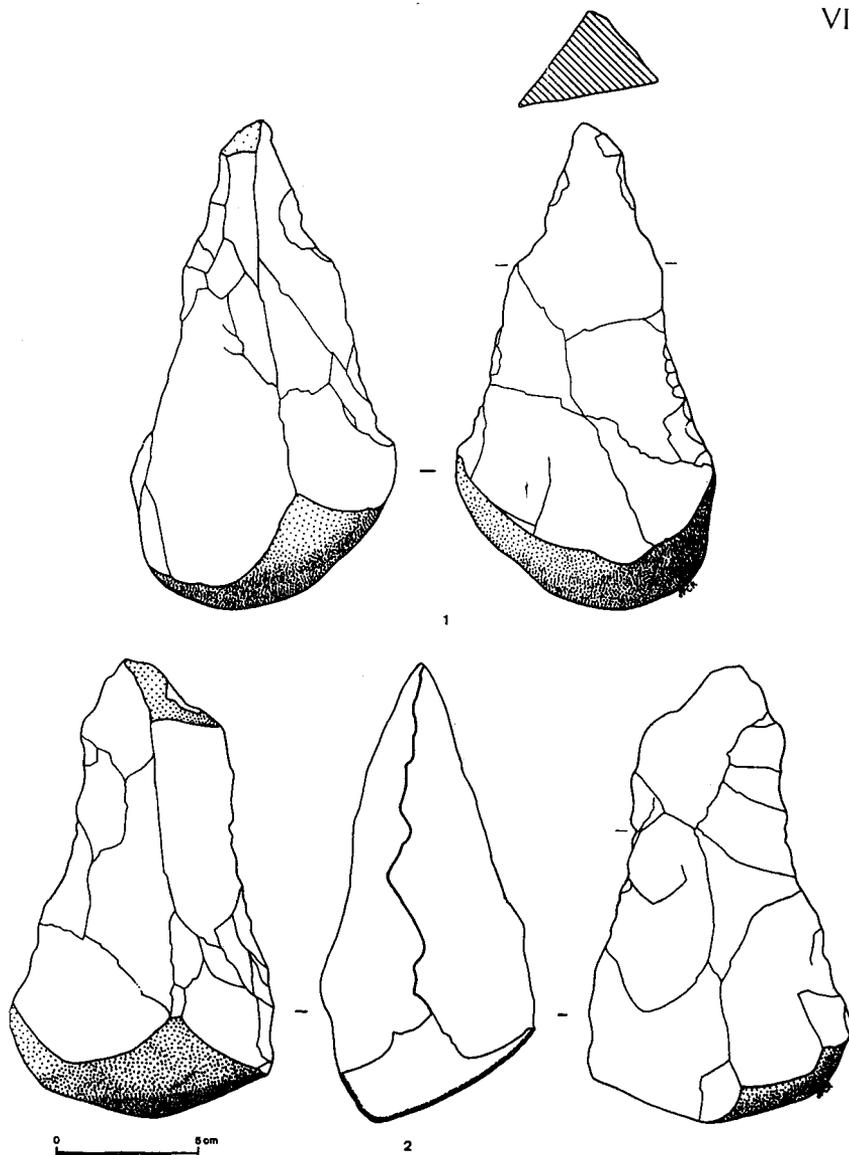
2 — «Machereaux» tipo V (Casal do Azemel)



Estampa V

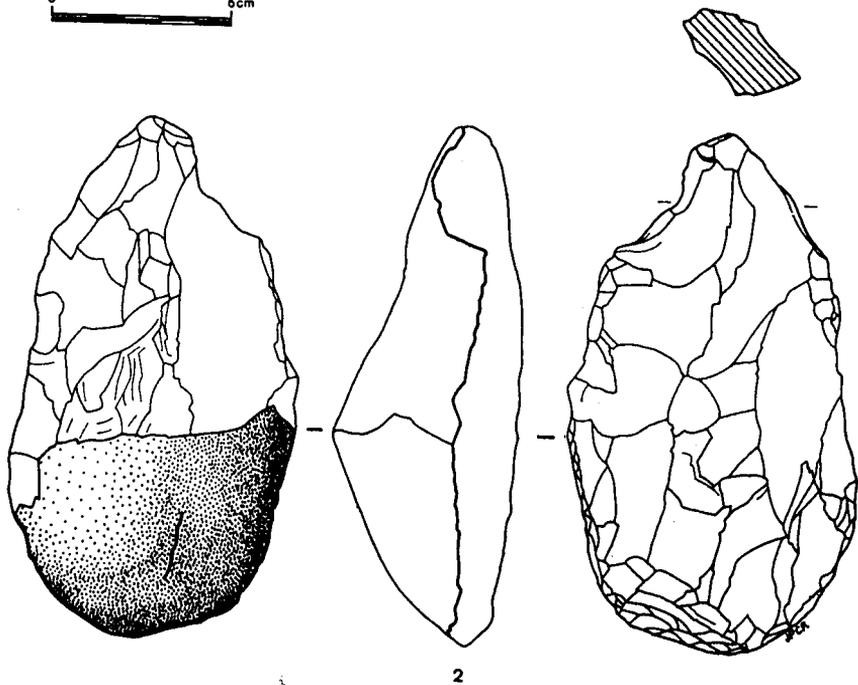
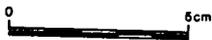
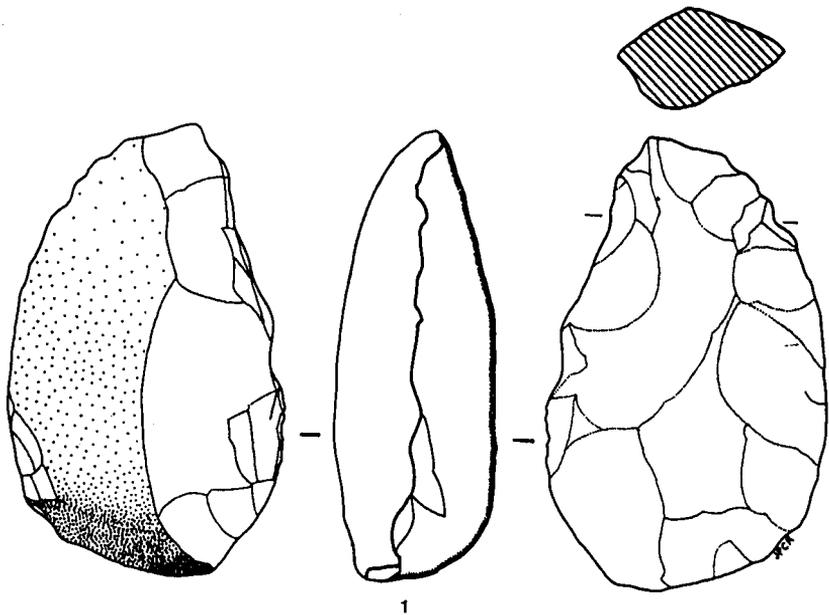
1 — Biface de bivel terminal com silhueta ovalar (Matoeira)

2 — «Ficron» (Matoeira, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)



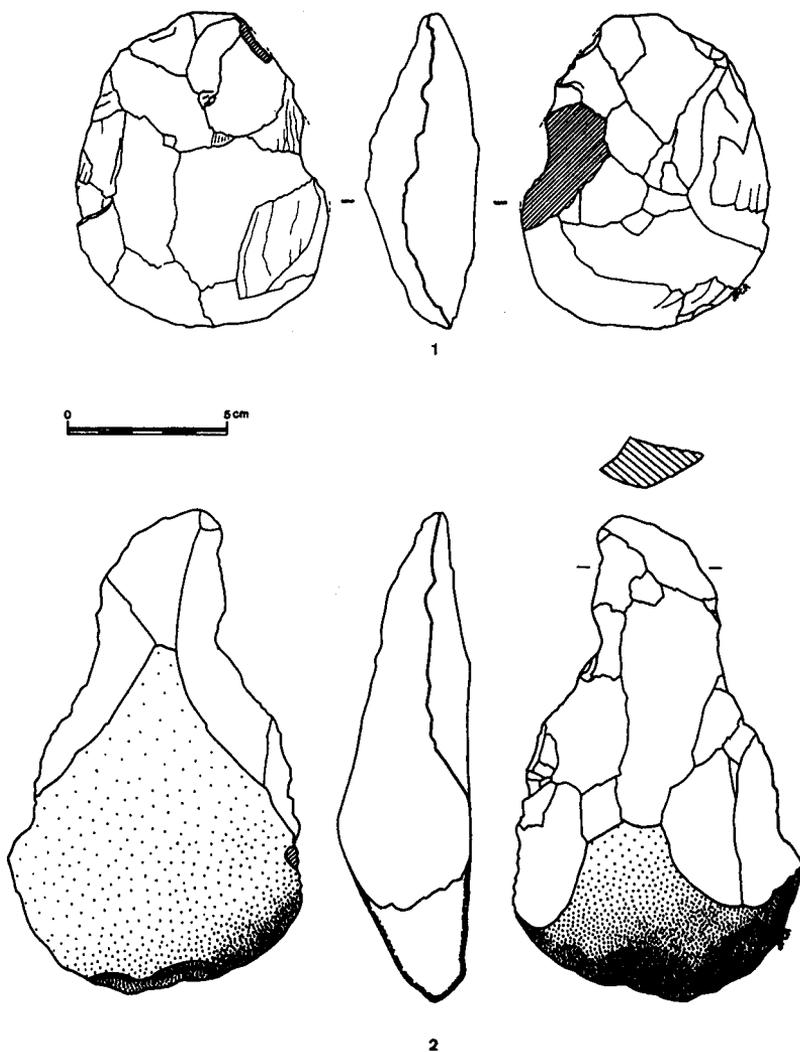
Estampa VI

- 1 — Biface lanceolado (Quinta de S. Venâncio, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)  
 2 — «Fricon» micoquenese (Quinta de S. Venâncio, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)



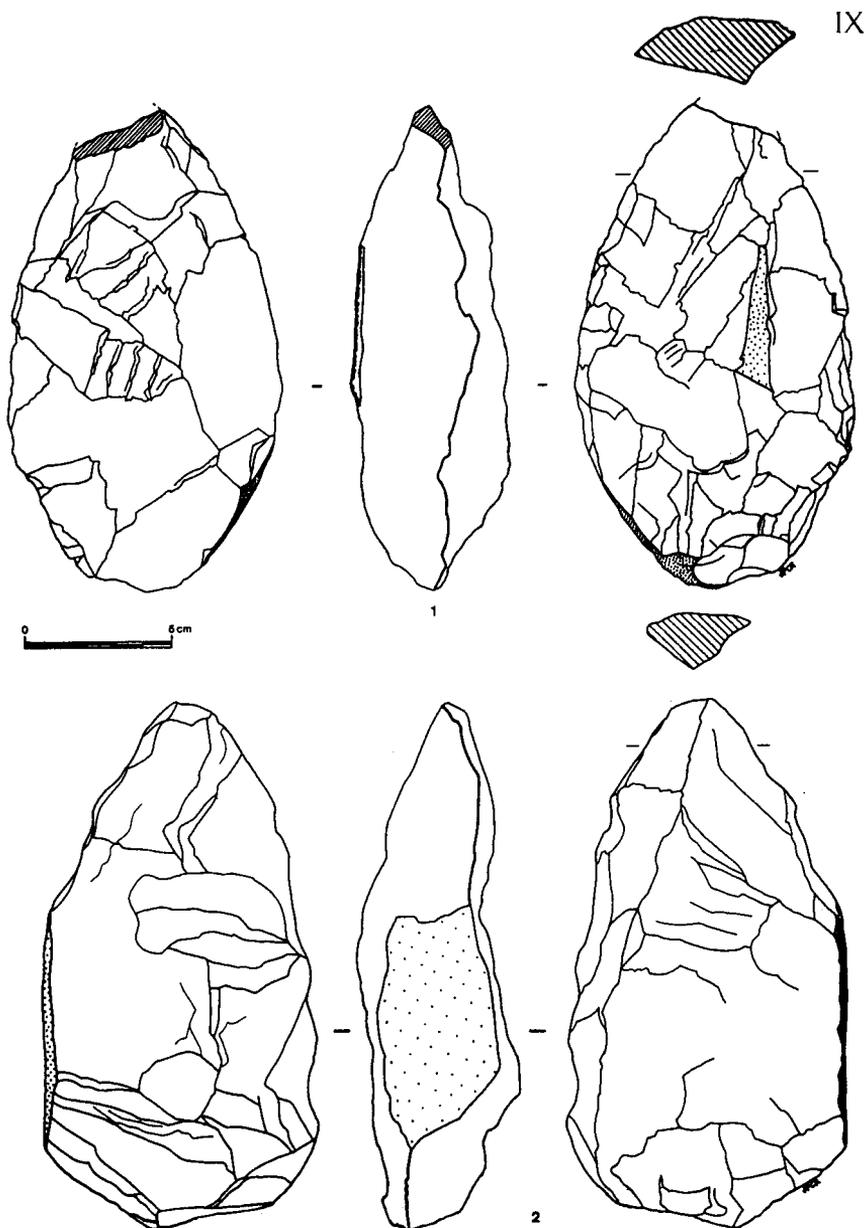
Estampa VII

- 1 — Biface de dorso (Quinta de Vale de Lobo, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)  
 2 — Biface amigdalóide típico (Quinta de Vale de Lobo, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)



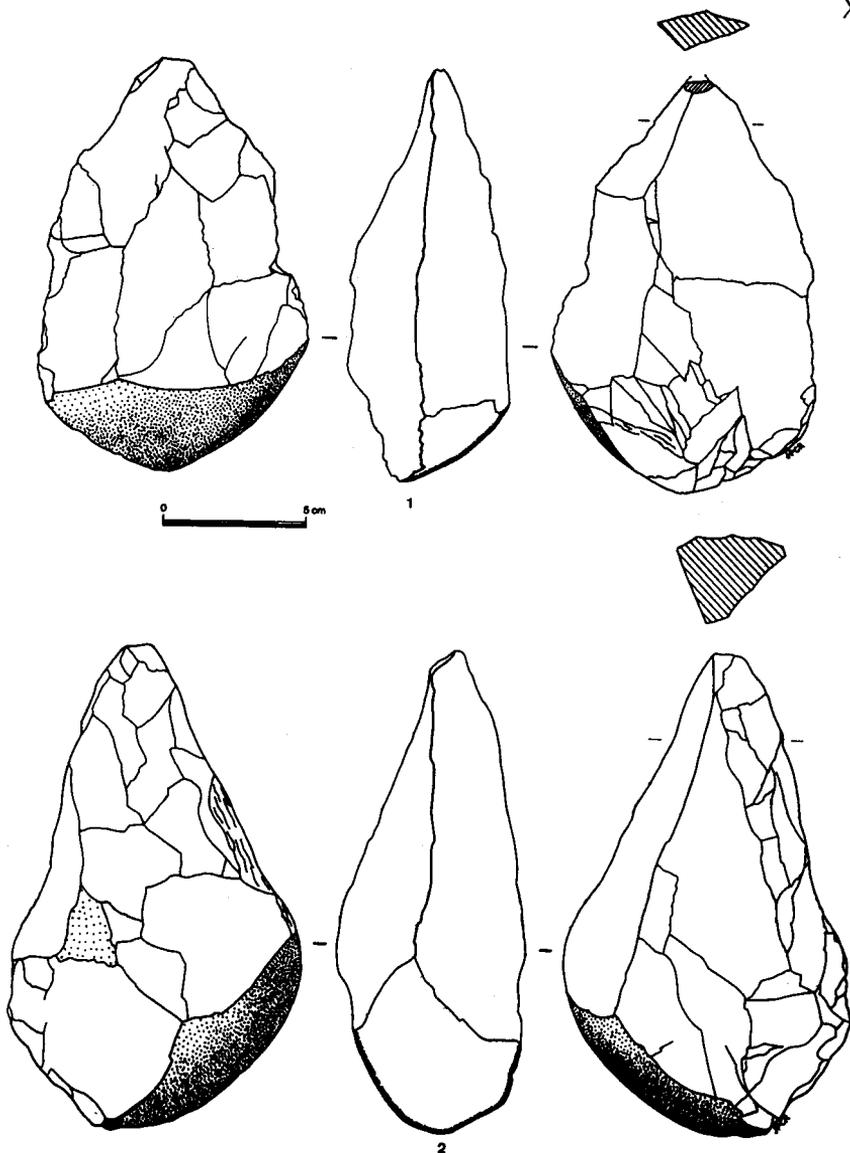
## Estampa VIII

- 1 — Biface espesso discóidético (Casal de Santa Maria 2, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)  
2 — Biface longeniforme (Casal de Santa Maria 2, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)



Estampa IX

- 1 — «Proto-limande» (Tercenas, Colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)
- 2 — Biface espesso de dorso (Tercenas, Colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)



Estampa X

- 1 — Biface amigdalóide com talão (Salgueiras, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)
- 2 — Biface de dorso lanceolada (Salgueiras, Coleção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia)

## LEGENDA DOS MAPAS

- — Jazidas com localização precisa
- — Jazidas cuja localização precisa não foi possível estabelecer
- ★ — Achados iniciais de vestígios paleolíticos cuja localização é possível determinar com precisão.
- ⊗ — Localização aproximada de alguns dos achados «históricos» de materiais paleolíticos no Vale do rio Lis

1 — Sudoeste da Igreja dos Milagres	25 — Fábrica da Oca — Souto
2 — Arredores de Marrazes	26 — Quinta do Banco
3 — Quinta da Cartiça	27 — Vidigal — S. Pederneira
4 — Quinta do Cónego/Pousias	28 — Calçada da Broba
5 — Areeiro da Quinta da Carvalha	29 — Lameira
6 — Aeródromo Este	30 — Quinta dos Pinhais
7 — Casais 1	31 — Fonte Além
8 — Casais 2	32 — Casal
9 — Areeiro da Fonte de Matoeira	33 — Covão
10 — Areeiro de Matoeira SW	34 — Lagoa
11 — Riba de Aves Sul	35 — Oiteiras
12 — Outeiro Pelado	36 — Barroca
13 — Casal de Santa Maria 1	37 — Ponte de Cavaleiros
14 — Casal de Santa Maria 2	38 — Ortigasa Cemitério
15 — Casal do Azemel	39 — Souto
16 — Milagres	40 — Carrasqueira
17 — Várzeas	41 — Carreiro do Rio
18 — Vidigal — Raposeira	42 — Matoeira
19 — Sismaria	43 — Quinta de S. Venâncio
20 — Telheiro	44 — Quinta de Vale de Lobo
21 — Albergaria	45 — Moinhos da Barosa
22 — Gândara	46 — Pousadas
23 — Picassinos	47 — Terceiras
24 — Areia Branca	48 — Jardeira

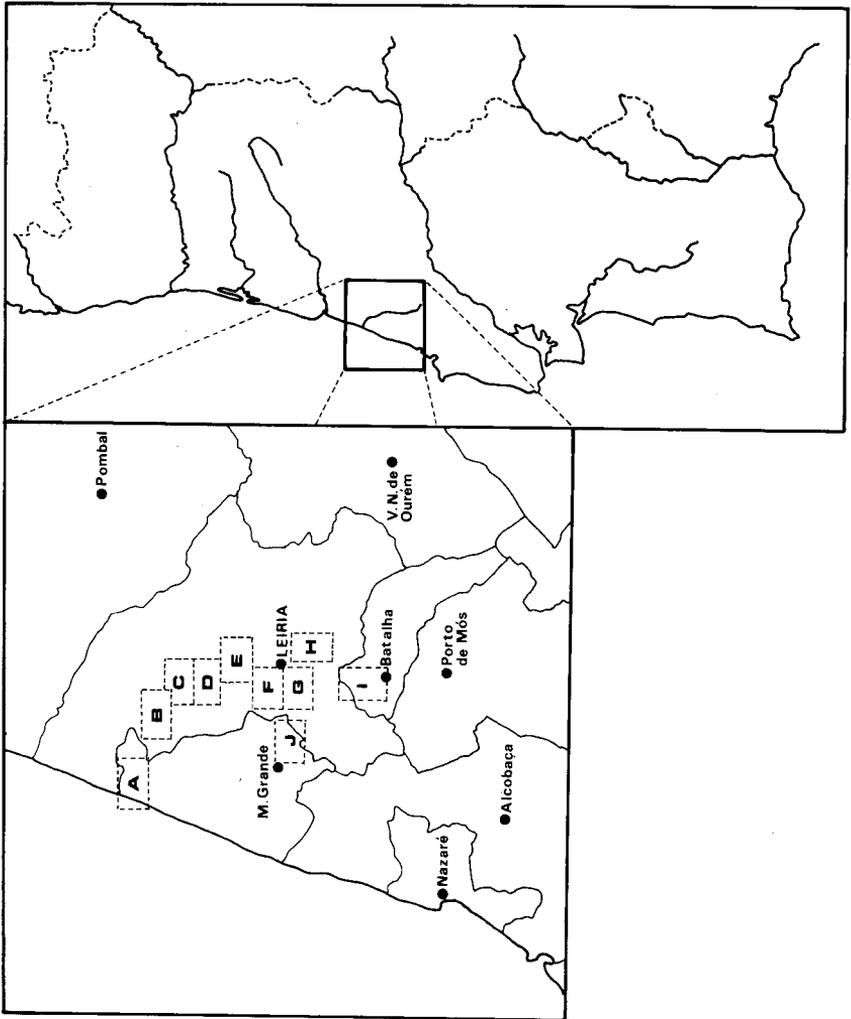


Fig. 1 — Posicionamento relativo dos mapas da região com a localização das jazidas paleolíticas (base cartográfica: Carta Militar de Portugal na escala 1/25000)

